

Crônicas

A LUZ DE UM BOM CAMINHO



BIBIANO RIBEIRO GONÇALVES JUNIOR

FILOS,
editora

RÁDIO WEB



VOTUPORANGA - SÃO PAULO
www.radioagendacultural.com.br



SUMÁRIO

A BRONQUITE DE MARCEL E O FERIADO DO TRABALHADOR.....	9
A FILA E SEU TEATRO.....	11
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	13
“A LUNETÁ MÁGICA”.....	16
A LUZ DE UM BOM CAMINHO	18
À LUZ DE VELAS.....	20
“A MÃO-INFINITA”.....	22
A MENINA DO SAPATO PRETO	24
A PESQUISA QUE REVELOU UM CAMINHO PARA EMOÇÃO.....	26
A ÚLTIMA FRONTEIRA	27
A VERDADE SEMPRE PREVALECE.....	29
AQUELAS CARTAS DE AMOR.....	31
AS CARRANCAS DO VELHO CHICO	34
AS CONTRADIÇÕES DAS PIPAS.....	36
BANDA DESENHADA E A CULTURA DE MASSA.....	38
BENGALA E CHAPÉU-CÔCO	40
“BICICLETAS DE PEQUIM”.....	42
BLACKJACK.....	44
CRIANÇA: INTERNAÇÃO HOSPITALAR E SEUS DILEMAS	46
CULTURA, EDUCAÇÃO E O LAVAR AS MÃOS.	48

DARPP-32 E A ESQUIZOFRENIA	50
“DE PENSAR MORREU UM BURRO”	53
DIAS DA SEMANA - DOS ASTROS ÀS FEIRAS LIVRES	55
DITH PRAN E O SEGREDO DAS LENTES	57
DO MONTE PARNASO AO HINO À BANDEIRA.....	59
DO PENICILLIUM AO ENGENHO.....	61
DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E A MEMÓRIA CELULAR.....	63
EDUCANDO O CÉREBRO: PASSADO, PRESENTE.....	65
ELAS ESTÃO EM TODO LUGAR.....	67
EM BUSCA DA LIBERDADE.....	69
ENIGMAS	71
ENTRE A AÇÃO E O MISTÉRIO	73
EXTRATIVISMO (NATURALMENTE) HUMANO.....	75
FILOSOFIA DA ALEGRIA, VIVA O JECA BRASILEIRO....	77
GRANDES TALENTOS, PEQUENAS COINCIDÊNCIAS..	79
IMAGINAÇÃO E SENSIBILIDADE	81
JARIB E AS “IMPRESSÕES SOBRE JESUS”	83
“JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS”	85
LÁ SE VÃO SÍMBOLOS GLORIOSOS	87
“LARANJA MECÂNICA E A ZONA VERMELHA”.....	89
LEMBRANÇAS DE UM LUSO-BRASILEIRO.....	91
MINAS, PÃO-DE-QUEIJO E OUTRAS HISTÓRIAS.....	93
MÚSICA CLÁSSICA, O ROCK E O CINEMA CONTEMPORÂNEO	95

NAS ABELHAS, O SENTIDO DA COLETIVIDADE.....	97
NOSSA TERRA E A FESTA DAS NAÇÕES.....	99
O IDEALISMO COMO FONTE INSPIRADORA.....	101
O SANFONEIRO QUE JÁ NASCEU GRANDE.....	103
O TEMPO QUE NOS ESPERE	105
OLHO MÁGICO.....	107
“OMNIBUS”	109
ONDE ESTÁ O MENINO DO DEDO VERDE?.....	111
OS BALÕES QUE SOBEM.. E DESCEM!	113
OS MENINOS-SOLDADOS NA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA	115
PECADOS E VIRTUDES	117
“PICUÁ NA CACUNDA”	119
POR QUEM OS SINOS DOBRAM?	121
RELÓGIO	123
PORQUE NÃO UMA FLIV?.....	124
“RATATOUILLE” E O SISTEMA LÍMBICO	126
RECORDAÇÕES DE SOLFERINO.....	128
REDES DE DORMIR	130
REGRAS DA VIDA.....	132
SAN, LAUREN E O PARQUE DE DIVERSÕES	134
SER HUMANO, SER URBANO	136
“SINFONIA DE PARDAIS”	138
SUPERAR O MEDO	140
“TRAVESSIA”	142

UM GÊNIO BRASILEIRO E SEUS PROFETAS	144
UMA QUESTÃO DE INTERPRETAÇÃO	146
“VIDAS SECAS”	148
VISIONÁRIOS.....	150
“YES, NÓS TEMOS BANANAS”	152

A BRONQUITE DE MARCEL E O FERIADO DO TRABALHADOR

Em época do ano, onde as mudanças de clima e temperatura são mais constantes, vemos de tudo um pouco; principalmente uma “chiadeira”, tanto no sentido da reclamação mesmo, como no sentido de pulmões afetados. Sim, então estamos no outono/inverno!

A bronquite, que de uma maneira para fácil entendimento, significa uma inflamação nos brônquios (espécie de canos por onde passa o ar), é de fato o fato mais corriqueiro da chiadeira em nosso cotidiano neste momento e, com certeza, cada um tem uma história à respeito.

Em nosso país, que está numa localização privilegiada, bronquites não apresentam tantas complicações como nos países frios, onde são mais acentuadas.

Por ter nascido numa região fria talvez, Marcel Proust (1871-1922), famoso escritor e filósofo francês, apresentava tal doença, a qual o debilitou em sua curta trajetória de vida, devido as suas complicações.

Curta, porém brilhante trajetória desse escritor diga-se. “Em Busca do Tempo Perdido”, sua célebre coleção de escritos, traz algumas preciosidades para reflexões sobre a moral, moralidade e tudo o que diz respeito às características humanas do relacionamento conflituoso.

O mais conhecido dos volumes da obra é “Sodoma e Gomorra”, onde ele traça um paralelo da história bíblica do Velho Testamento (cidades destruídas por prática de atos imorais) com as possibilidades do mundo contemporâneo, para a sua época.

Hoje, quando nos deparamos com todo tipo de imoralidade, fica sempre um pouco de dúvida sobre o que nos resta, a nós mesmos e ao mundo como um todo. A palavra moral tem origem

no latim – morus, morale – relativo aos costumes; portanto é “*um conjunto de regras de conduta consideradas como válidas...*”.

Apesar de ter nascido em uma família rica, Marcel Proust, após a morte de seus pais, iniciou uma vida reclusa, com uma saúde precária e uma corrida incessante para terminar os livros. Trabalho e mais trabalho, até chegar à exaustão.

Definhando a cada dia, solitário e com uma bronquite que, segundo os biógrafos, foi mal cuidada, Proust veio a falecer em 1922, mas com toda sua obra terminada. Segundo ele, “só nos curamos de um sofrimento depois de o haver suportado até o fim”.

E enquanto Marcel Proust falecia, em novembro de 1922 (em Paris, na França), por aqui, na República Federativa do Brasil, tomava posse como novo Presidente, um mineiro, nascido em Viçosa, chamado Arthur da Silva Bernardes, que assinaria tempos mais tarde, em 1925, um decreto instituindo oficialmente como feriado nacional o primeiro de maio, Dia do Trabalhador; comemorado, aliás, no mundo inteiro.

A FILA E SEU TEATRO

Trem das cores, composição de Caetano Veloso, foi a inspiração para o espetáculo de dança organizado pelas professoras Márcia e Juliana, com o apoio da Secretaria de Esportes e Cultura de Votuporanga. Belíssimo espetáculo!

No segundo dia de apresentação, aguardando na fila de entrada, dentre as várias histórias que podiam ser ouvidas, já que as pessoas falavam num volume suficiente para tal, uma se destacou pelo inusitado da coisa. Claro que, estando numa fila e renunciando uma bela de uma chuva, só podia ser uma indagação-reclamação.

Duas mulheres que estavam atrás de mim, com seus respectivos filhos, vendo aquela fila toda, achavam que o teatro deveria ter mais poltronas e que todas deveriam ser renovadas, pois naquele dia com certeza não caberia todo pessoal sentado; e diziam que por isso não eram de frequentar teatro! De fato, estavam com a razão... em partes.

Realmente não couberam todas as pessoas sentadas... naquele dia.

O teatro Mário Bernardes tem 375 lugares disponíveis que, durante o ano todo, nos eventos que ali se realizam, não consegue ter sua lotação completada; aliás, a frequência é muito baixa. Creio que as pessoas não dão o devido valor ao nosso teatro e as coisas de teatro em si. Portanto, qual o sentido de ter maior número de assentos? Reformá-lo, tudo bem!

O maior teatro do mundo é o Congresso Nacional de Pequim, com capacidade para dez mil pessoas, mas como não é só para peças teatrais, fica valendo o Centro de Entretenimento de Perth, na Austrália, para oito mil e quinhentas pessoas como sendo o maior teatro do mundo. São apenas curiosidades.

Não importa, para nós, saber o maior ou menor teatro e sim o que ele representa. É uma imensa fonte de cultura que ainda está

por ser mais apreciada. O teatro, segundo várias opiniões, é a expressão libertária por natureza e onde *“a possibilidade de reviver sentimentos e barreiras de tempo e espaço, de presenciar fatos de verdade ocorridos ou apenas existentes no imaginário do autor, possibilita resgate do indivíduo e da sociedade”*.

O teatro, como é hoje, vem de longe, lá da Grécia antiga; as pessoas buscavam nas comemorações aos deuses, sentido para suas expressões. No Brasil, foram os jesuítas, principalmente José de Anchieta e padre Antônio Vieira, que introduziram, com encenações dramáticas para melhor ensinar os nativos, os esboços de peças teatrais.

É chegada a hora de orientar nossas crianças e jovens do poder da cultura do teatro. A escola deve ser uma grande, se não a maior, incentivadora, colocando na sua grade curricular o teatro como fonte inesgotável de ensino, haja vista que qualquer técnica teatral é uma excelente base complementar para qualquer matéria do ensino-educação.

E com relação às duas mulheres da fila, é claro que não entrei em discussão e nem caberia naquele momento; seria deselegante e uma explicação demandaria tempo. Como bem disse Paulo Autran, o grande mestre brasileiro do teatro: *“devemos nos tolerar uns aos outros porque a diferença faz parte da humanidade”*.

Agora, que Votuporanga está indo num caminho bom, em relação às iniciativas culturais, isso está! Esperamos que as escolas e os pais caminhem juntos no incentivo às crianças e jovens a irem mais ao teatro.

Nota: Atualmente o teatro Mario Bernardes não existe mais. Deu lugar a um mini shopping (galeria). Votuporanga conta agora com o Centro de Eventos Jornalista Nelson Camargo, moderno e mais espaçoso.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Mês de Abril é isso. Começa com o dia da Mentira – que, segundo explicações, iniciou-se na França, onde desde o começo do século XVI o ano novo era comemorado de 25 de Março a 01 de Abril e logo após a adoção do calendário gregoriano passou-se a comemorar em 01 de Janeiro; com isso em 01 de Abril muitas pessoas recebiam convites para festas que não existiam, presentes esquisitos e etc., daí espalhou-se esta brincadeira até os dias de hoje - e continuando pelo mês afora chegamos em 18 de Abril, onde se comemora o Dia Nacional do Livro Infante-Juvenil, homenagem ao nascimento de Monteiro Lobato (1882-1948) e dia 23 como sendo o Dia Mundial do Livro.

Johannes Gutenberg, criador da imprensa e posteriormente a tipografia, nos idos de 1500 e que por consequência culminou no livro impresso, talvez não imaginasse que seu fantástico invento viesse a tornar-se um poderoso meio de comunicação.

A história do Livro no Brasil começa em 1808 quando a corte de D.João VI se transfere para cá trazendo consigo uma máquina de impressão rudimentar, mas que foi primordial para editar jornais e livros. O primeiro livro editado foi “Marília de Dirceu” de Tomás Antônio Gonzaga.

Revendendo um pouco mais de nossa história, identificamos que, mais ou menos, até 1950/1960 a leitura era uma tendência e obrigação natural das pessoas, como professores, estudantes e a sociedade mais abastada da época; ler era principalmente uma forma de entretenimento e lazer, além de angariar conhecimentos. Dizia-se também que a leitura e a quantidade que se lia era o espelho de uma nação, modelo de correção e elegância.

Segundo Sérgio Gonzaga, no seu livro “Literatura Brasileira”, a partir de então, com a universalização do ensino, outras camadas sociais tomaram contato com livros e literatura, mas ao mesmo tempo foi diminuindo a popularidade já que outras

formas de entretenimento e lazer entraram para concorrer com livros.

Tidas como subculturas na época, é bem verdade, a televisão e os discos logo se destacaram nessa concorrência, e foram tomando espaço do livro e da leitura.

É importante que acompanhem as evoluções tecnológicas sim, no entanto é dever nosso introduzir, no convívio diário, a leitura como dinâmica familiar e momentos de prazer em reunião com nossos filhos.

A leitura é uma atividade ativa, porque nos dá chance de interagir com a história, personagens, épocas, tradições, e uma imensa gama de perguntas podemos fazer enquanto se lê.

Várias questões são trazidas até o nosso íntimo a partir do momento em que iniciamos a leitura de um livro. No decorrer das páginas encontraremos, muitas vezes, soluções para, quem sabe, nossas angústias ou até para futuros empreendimentos ou ainda simplesmente para uma boa reflexão de nossa existência.

Mário Vargas Llosa, escritor peruano, já dizia que *“nada nos protege melhor da estupidez do preconceito, do racismo, do sectarismo religioso e político, do que esta verdade que surge na grande literatura: todos são essencialmente iguais. Nada nos ensina melhor do que os bons romances a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do legado humano...”*.

Não há dúvidas que, quanto mais se lê, mais possibilidade de se enriquecer como ser fraterno se faz sentir, e cultivar este hábito está na essência de cada um. Necessitamos apenas de estímulos. É como andar de bicicleta, que após a primeira pedalada, instintivamente, todas as outras acompanham.

Um, dentre muitos personagens de Dostoiévski, divagando sobre o processo de leitura, conduziu um diálogo até chegar ao ponto de dizer que: *“quando uma pessoa se interessa por ler é bom e quando uma pessoa, além de ler, se interessa por cuidar de seu livro, esta realmente aprendeu a importância da leitura”*.

Nota: Deixo minhas sugestões e valem como estímulo: Para infanto-juvenil “Reinações de Narizinho”, “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato; para adolescentes “O apanhador no campo de centeio”, de J.D.Salinger; para os já iniciados e adultos “Crime e castigo”, de Dostoiévski.

“A LUNETA MÁGICA”

Coincidências vão acontecendo no dia a dia, que nem sempre nos damos conta; nem sempre percebemos, nos detalhes, nossa fonte de conhecimentos.

O universo é cheio de surpresas e, como tal, a eclipse lunar se manifesta como uma riqueza aos nossos olhos; o quanto se pode ver, é claro! Recentemente, apesar do céu limpo e sem nuvens, a eclipse quase não foi visível a olho nu, devido ter sido parcial e, sobretudo, pela posição na qual se encontrava a Terra.

No entanto, um instrumento simples, utilizado pela primeira vez por Galileu Galilei, em 1609, para observar os astros no céu escuro, deu início a uma portentosa corrida em direção ao universo infinito. Chamava-se a luneta de Galileu e, até hoje, é utilizada por astrônomos (amadores ou não) e pessoas interessadas em ver algo mais nos céus, do que os olhos possam enxergar. Inclusive as eclipses lunares.

A luneta – do francês *lunette* – segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa “*é um instrumento geralmente de forma cilíndrica com duas lentes, que serve para aumentar objetos a grande distância e permite uma observação mais nítida*”.

Tudo bom, tudo bonito, se não tivesse também, a palavra luneta, outro significado: “*abertura redonda da guilhotina onde é posta a cabeça do condenado*”!

Não falei? As coincidências vão acontecendo e não são por acaso, pois, a tal de luneta, nos remete a, pelo menos, dois fatos históricos distintos; baseados em suas definições.

Na França, em 1789, um médico de nome Joseph Ignace Guillotin (1738-1814), muito conceituado, humanista, vacinador, se enveredou pelos lados da política e sugeriu um projeto de um instrumento que dava igualdade na pena máxima, independente da condição social do infrator. Daí surgiu a guilhotina em 1791. O horror dos horrores. O Dr Guillotin deve estar se remoendo na

catacumba até hoje, pois seu invento, depois, foi usado para quase qualquer delito, principalmente para eliminar os opositores do regime político, instituído na França, naquela época. Seu nome ficou associado à morte.

Já no Brasil, em 1869, um médico, romancista, de nome Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), que também se enveredou pelos lados da política, lançava um livro que veio a ter muito sucesso, que tinha como título *A Luneta Mágica*. Este romancista também é o autor de *A Moreninha*.

As coincidências terminam por aí, pois, diferentemente da guilhotina, o livro do carioca Joaquim Manuel de Macedo é uma preciosidade que não se perdeu no tempo e nos faz refletir sobre o bem, o mal e o bom senso de uma maneira muito simples.

Esta tríade é abordada nas entrelinhas como um colírio para nossa imaginação; que também o foi para Simplicio – o personagem principal – cuja definição dele por ele mesmo é de ser “uma pessoa míope física e moralmente”; daí a utilização da luneta para a correção da miopia física e moral na história. No entanto, o autor coloca alguns empecilhos no caminho de Simplicio, que também, muitas vezes, é o nosso caminho; àquele onde, por motivos outros, não tomamos atitudes condizentes e aceitamos tanto os argumentos a favor, quanto os contrários (miopia moral), atestando nossa personalidade.

A história nos facultou dois instantes da luneta. Leiam o livro *A Luneta Mágica* que, além de tudo, é muito divertido, curioso e cheio de surpresas; sobre a guilhotina e sua luneta, deixem-nas como um registro breve nas coincidências da vida.

Nota: o livro A luneta mágica é gratuito no site:
<https://www.curso-objetivo.br/vestibular/assets/download/obras-literarias/joaquim-manuel-de-macedo/a-luneta-magica.pdf>

A LUZ DE UM BOM CAMINHO

Quando nossa saúde vai se comprometendo durante a vida, sentimos a inabalável atuação da evolução na espécie humana, que procura a todo custo, novas fórmulas de longevidade e novos recursos terapêuticos.

Cada célula do nosso organismo tem seus princípios, meios e fins para uma completa harmonia de funções, e nossa mente é a fonte principal e enriquecedora que alimenta esse vigor - seja ele físico, mental ou espiritual. No entanto, quando a luz dessa mente vai se extinguindo, parece que nosso corpo não responde mais, assim, com tanto entusiasmo e vemos que nosso caminho vai se estreitando por essa vida.

A luz da vida vai se apagando... É assim que eu imaginei vendo, depois de muito tempo, um vaga-lume em nosso quintal/jardim, algumas semanas atrás. Ele, solitário, vagava de um lado a outro à procura de seu par para, possivelmente, perpetuar sua espécie.

Sim, a luminescência do vaga-lume (pirilampo), fruto de reações químicas-oxidativas de suas células, visa fazer-se notar para um “namoro” ou até para acasalar-se. No entanto, sua vida pode estar por um fio, pois as queimadas, desmatamentos nos campos e o aumento da luminosidade das casas e cidades estão fazendo uma seleção natural e hoje estudos mostram que os vaga-lumes sem a capacidade de bioluminescência é que estão prevalecendo.

É curioso que, às vezes, nossa mente também vagueia por entre as aflições do cotidiano, tal qual um vaga-lume sem rumo, mas a diferença é que temos as condições necessárias de sermos mais fortes e reacender novamente a luz de um bom caminho, já o vaga-lume...

Então, acompanhei de perto o seu voo errante por uns instantes até ele pousar numa folha de coqueiro e se “apagar”. Faltou-lhe oxigênio, talvez, para manter sua reação química. Na

minha mente acenderam, naquele instante, as lembranças de quantos e tantos vaga-lumes víamos na infância. E assim, algum tempo depois, ele alçou a sua derradeira aparição na minha casa e perdeu-se na natureza, noite adentro.

Deixo aqui para nossa reflexão um poema de Cecília Meireles, chamado Máquina Breve. *“O pequeno vaga-lume/ com sua verde lanterna,/ que passava pela sombra/ inquietando a flor e a treva/ - meteoro da noite, humilde,/ dos horizontes da relva;/ o pequeno vaga-lume,/ queimada a sua lanterna,/ jaz carbonizado e triste/ e qualquer brisa o carrega:/ mortalha de exíguas franjas/ que foi seu corpo de festa./ Parecia uma esmeralda/ e é um ponto negro na pedra./ Foi luz alada,/ pequena estrela em rápida seta./ Quebrou-se a máquina breve/ na precipitada queda./ E o maior sábio do mundo/ sabe que não a conserta”*.

À LUZ DE VELAS

Recentemente houve muito falatório, a partir de uma análise governamental, sobre a culpabilidade do nosso feijão no aumento do custo de vida, ou seja, a temida “inflação” dos alimentos. O foco que quero salientar, no entanto, não está nos assuntos econômicos, mas em notícias de que químicos ligados à agricultura estão desenvolvendo uma cera, como combustível, a partir do feijão-soja. Sua maior aplicabilidade estaria, segundo pesquisas, na fabricação de velas.

Desde os tempos mais remotos, o homem busca a luz como guia para seus caminhos, ambições, bem estar e conhecimento. Nesta fragorosa e ininterrupta procura, a vela se destaca por sua simplicidade na criação e riquezas de fenômenos físicos e químicos à ela relacionados.

Antes de se chegar ao que temos hoje como ciência moderna, as pessoas utilizavam “*do estudo da natureza e do universo físico*” para a prática do conhecimento e isto era chamado de filosofia natural. Portanto, a ciência de hoje era a filosofia natural de outrora, mais precisamente do século dezenove.

Querendo imaginar, talvez, onde estaria a ciência nos dias atuais, foi que entre 1826 e 1862, um jovem e brilhante cientista, inventor do motor elétrico, por exemplo, manteve uma série de cento e vinte e três palestras para tentar a popularização da ciência, ou melhor, da filosofia natural. Seu nome era Michael Faraday (1791-1867) e a partir de duas das melhores séries de palestras, resultaram num livro maravilhoso e fácil de ler e entender que é “*A História Química de Uma Vela*”.

Segundo Faraday, “*não há porta melhor nem mais aberta para que os senhores possam iniciar o estudo da filosofia natural do que o exame dos fenômenos físicos de uma vela*”, e no decorrer das páginas do livro, os assuntos são abordados com uma clareza realmente filosófica e diga-se, popularesca.

CRÔNICAS – A LUZ DE UM BOM CAMINHO

A vela, fabricada inicialmente com óleos, gorduras, sebo, passando pela estearina até chegar à parafina (um derivado do petróleo), é utilizada em várias situações e em todas elas podendo significar a solidez, a clarividência, a vivacidade, a serenidade, simbolizadas em suas estruturas concretas.

Em junho, mês que se comemora o dia dos namorados e enamorados, estes reacendem as chamas do amor e creio que Faraday ficaria feliz pela popularização de suas conferências ao longo dos tempos, pois não existe um jantar totalmente romântico sem que seja à luz de velas.

E como diria Vinícius de Moraes (1913-1980) no Soneto de Fidelidade “... *eu possa lhe dizer do amor (que tive): / Que não seja imortal, posto que é chama / mas que seja infinito enquanto dure*”.

Nota: livro “A História Química de Uma Vela – As Forças da Matéria” de Michael Faraday, editora Contraponto- 2003 e www.viniciusdemoraes.com.br – site oficial

“A MÃO-INFINITA”

Lá se pode ver um fraterno aperto de mãos, além de uma carroça puxada por um animal, uma grande cabeça humana e um telefone tamanho gigante. Tudo registrado com formas e linhas próprias para a arte, misturadas com cores vivas e chamativas.

Em Votuporanga, ao subir a “Alagoas” vindo da “Minas Gerais”, logo na esquina, está ali um imenso mural, que muitos podem chamá-lo de grafite que, vindo do italiano “*grafitto*”, significa marca ou inscrição feita em um muro. No entanto é uma coisa que chama atenção pela beleza e plasticidade. Claro que quando voltado, pura e simplesmente, para a arte da pintura.

Existem muitos pintores que se tornaram famosos usando muito essa técnica de mural, interno e externo. Santa Ceia de Leonardo da Vinci e capela Sistina de Michelangelo são exemplos clássicos.

No entanto, aqui no Brasil, também tivemos um seleto grupo de pintores que, de certa forma e num dado momento, usaram e abusaram do muralismo, não renegando suas habilidades para a pintura de cavalete ou também desenhos a lápis. O mais importante de todos teve sua trajetória marcada por dificuldades, só explicada pela sensação de domínio absoluto de seus dons e genialidade.

Quando criança ajudava, junto com seus doze irmãos, seu pai em trabalho no campo para o sustento mínimo da família; nos momentos de folga já utilizava seus dons para os desenhos e na adolescência foi encaminhado para estudos mais profundos da arte da pintura, para a capital do país, na época o Rio de Janeiro. E com pouco ou nenhum dinheiro, foi se ajeitando, conseguindo admiração e sua carreira deslanchou.

Internacionalmente foi o mais esplêndido, com muitos painéis e murais nos Estados Unidos (Guerra e Paz, no prédio da ONU, por exemplo) e Europa. Aqui em nossa terra, sempre reverenciado por todos, deixou muitas obras para serem apreciadas

e lembradas, como por exemplo, “A primeira missa do Brasil”, painel encomendado pelo Banco Boavista no Rio de Janeiro.

Vítima de sua própria arte, suas tintas o impregnaram e o intoxicaram com o chumbo perverso do saturnismo, ocasionando complicações que lhe foram fatais. Faleceu com apenas cinquenta e oito anos de idade, mas deixou um legado importante aos amantes da pintura, e quem sabe, aqui mesmo em nossa cidade, estimulados por pessoas e órgãos competentes, possam, os artistas, embelezar as repartições públicas (pelo menos) com a arte de painéis, murais ou grafite.

Este representante maior do muralismo no Brasil, nascido no mês de dezembro de 1903 em Brodowski (Brodósqui) - SP e falecido em fevereiro de 1962 na cidade de Rio de Janeiro - RJ, teve em Carlos Drummond de Andrade um grande amigo e admirador, que lhe deixou as seguintes palavras no poema “A Mão”: *“E por assim haver disposto o essencial,/ deixando o resto aos doutores de Bizâncio,/ bruscamente se cala e voa para nunca-mais a mão infinita,/ a mão-de-olhos-azuis de Cândido Portinari”*.

Nota: Vale a pena ver www.portinari.org.br e também ler e ouvir com a voz do próprio Drummond seus poemas em <https://www.carlosdrummond.com.br/>, e atualizando: Em relação ao mural citado no início do texto, a sua deterioração é evidente e necessita, o mais breve possível, de uma restauração!

A MENINA DO SAPATO PRETO

Fazendo um trocadilho com as palavras, a lógica das coisas é você poder responder, a si mesmo, suas dúvidas e traçar seus caminhos; e há lógica nas diversas formas de ver a vida, através dos olhos, para suas respostas.

É imprescindível, para a evolução da mente, que observações sejam feitas e que estejamos alertas a tudo e a todos, quer sozinhos ou em multidão.

Terapias diversas estão a nos acompanhar nesta empreitada, a de fazer valer nossa racionalidade diante da natureza.

É o que podemos observar e sentir ao visitar a Exposição de Fotografias sobre os 70 anos de fundação de Votuporanga, no vão livre da Biblioteca Castro Alves, centro da cidade. Estamos diante de uma verdadeira terapia visual, elaborada por fotografias de raro valor histórico, onde num só lugar e momento, podemos exercitar nossa capacidade de enxergar o passado junto ao presente; onde cada um de nós funciona como uma ponte a elaborar o entrelaçamento das emoções.

Ao percorrer o local, com a devida paciência, devemos observar as fotografias exigindo de nós mesmos à resposta para nossos questionamentos diários, pois quando se vê uma foto de 30, 50, 70 anos atrás se tem a curiosidade de saber o que as pessoas estavam pensando naquele momento ou como se prepararam para isso ou ainda, aos olhos do fotógrafo o que ele imaginava realizar com a referida foto.

Tudo isso são imagens que nossa mente grava e fotografa a todo instante e que, por preguiça ou impaciência, muitas vezes não damos o devido valor às coisas.

As fotografias, de um modo geral, são hoje acessórios importantes para tratamento de várias situações comportamentais, devido serem elas capazes de nos prender a atenção, tornando os

momentos mais felizes, de saudades, ou às vezes tensos; instigar a curiosidade. Tudo isto as fotografias fazem.

E uma dessas fotos da exposição fez com que eu ficasse um pouco mais de tempo observando-a, pois nela vê-se um pequeno grupo de populares sobre a Rua Amazonas, recém-coberta com asfalto, e uma faixa, de um lado a outro, com uns dizeres agradecendo “O Sapato Preto da Menina”, que se tratava de slogan do prefeito Hernani de Matos Nabuco, à época de seu primeiro mandato (1960-63); portanto agradecendo o asfalto (sapato preto) para Votuporanga (a menina).

Notemos aí que uma parte da história nos conduz a uma realidade nostálgica (terapêutica) onde ainda o sujeito em questão era o asfalto (o sapato preto da menina); no entanto hoje podemos dizer que, com a mostra de fotografias, muito bem organizada, diga-se de passagem, Votuporanga inverteu a ordem das coisas. Hoje o sujeito é ela, Votuporanga – a menina do sapato preto!

Façam uma terapia visual gratuita! Visitem a Exposição de Fotografias em nossa cidade!

(Existem inúmeros trabalhos científicos correlacionando fotografias e psicologia clínica e um exercício fácil e divertido para toda família é cada um responder através de fotografias (dez pelo menos) as perguntas do cotidiano, por exemplo: “Quem é você?” ou “Quem sou eu?” e outras tantas que desejarem. Mãos à obra e bons diálogos em família!).

Nota: Atualmente as fotografias de Votuporanga (antigas e outras mais) estão expostas no Museu Municipal, no complexo cultural Centro de Lazer e Cultura, onde também está a biblioteca Castro Alves, cujo prédio, no centro da cidade, foi transformado em Escola das Artes.

A PESQUISA QUE REVELOU UM CAMINHO PARA EMOÇÃO

Vemos a todo instante, nos noticiários em geral ou em publicações especializadas, as pessoas se debruçando sobre soluções à procura do “eu” interior.

Dos monges do Tibete aos mosteiros do mundo afora, a meditação e o silêncio predominam; dos órgãos do sentido, a visão é o que traduz a total sensibilidade do “interior”, da alma do ser humano.

No livro, *A Música e a Criança*, Walter Howard (1880-1963), que foi cientista musical e professor, nos mostra, com muita propriedade, que a música é uma verdadeira “peça interior”. Diz ele: *“Quando o fazedor de música inicia sua composição ela já está elaborada no seu íntimo”*. Veja bem, no seu íntimo!

Ele dedica todo o livro a mostrar que suas experiências voltadas aos bebês surtem os efeitos desejados para o gosto musical e dedicação a esta parte cultural.

Entre sons e ritmos, os bebês vão tendo impressões em suas consciências capazes de, ao longo de suas vidas, poderem contemplar à música sua importância meritória. Também no seu livro, Walter Howard, coloca como absolutamente verdadeiro que, os que mais aproveitam o aprendizado no futuro, são os amadores, mais que os supergênios.

Segundo ele os amadores sabem buscar, no aprendizado da música, a técnica e a emoção despretensiosamente.

Portanto, é um ensinamento que é baseado em experimentos ao longo de muitos anos e faz com que saibamos da importância da música nesta busca do “eu” interior; e de tão necessária para nosso próprio conhecimento, a pessoa que se descobre e se emociona através da música, mais feliz e harmoniosa viverá!

A ÚLTIMA FRONTEIRA

É muito comum as pessoas reconhecerem, em início de julho, o frio como um amigo para companhia das férias (no nosso hemisfério sul). Também, não menos apropriado, o sentimento de solidariedade, a que ficam tomados os povos, para agasalhar os necessitados.

Mas, enfim, o inverno traz consigo muitas facetas que tentamos, cada qual, justificar a melhor forma de passá-lo, de férias ou não.

Assim como São Tomé (três de julho é dia do santo), o apóstolo dos partos, o missionário mais conhecido na Índia, pejorativamente chamado de “incrédulo” a partir da passagem bíblica onde desconfiava da Ressurreição de Jesus, também é difícil acreditar existir um lugar onde não há cobrança de Imposto de Renda. E o que tem a ver com frio?

Sim, este lugar existe! E claro, fica bem longe daqui do Brasil. Neste lugar, quando é verão, os termômetros marcam máximas de 08 graus! No inverno, então, podem chegar facilmente a 50 graus negativos!

Este lugar é o Alasca (também conhecido como “*A última fronteira*”), um dos Estados americanos maiores em extensão, mas minimamente povoado. Muito rico, mantém na extração de petróleo e jazidas de ouro sua economia em ascensão constante. Devido a isto, é que pode ter esta virtude de não cobrar Imposto de Renda da população e ao mesmo tempo liberar, em forma de dinheiro às pessoas, os lucros desse comércio.

Quando da sua aquisição, segundo historiadores, o povo americano ficou incrédulo quanto ao negócio, pois se tratava de uma região de clima polar e muito pouco explorada na época. Por dificuldades financeiras, após a Guerra da Criméia, a Rússia optou por vender esta parte de seu território aos Estados Unidos e em

1867, o Alasca passou a ser território americano e somente em 1959 é que se tornou um Estado.

E quem diria que, de uma região povoada por poucos esquimós, nasceria um Estado rico, com recursos minerais fantásticos e que hoje é, por incrível que pareça, um destino turístico. Lá além de muita neve, o turista poderá ver baleias nos passeios ao mar e em terra um esporte típico: o mushing. Este vem a ser uma corrida de trenós puxados por cães.

No Brasil, temos uma história parecida, mas às avessas. O Acre foi anexado ao país, pelo Tratado de Petrópolis em 1903, após termos invadido terras bolivianas e expulsado os nativos para ficarmos com a extração da borracha e somente depois é que a Bolívia foi indenizada. O Estado tem um clima dos mais quentes do nosso território e quanto ao Imposto de Renda...

A bem da verdade, a história de todos os povos e em todas as situações traz consigo uma enorme contribuição para o nosso crescimento como pessoas e nada mais justo que, reunindo a família, possamos lembrar sempre; e também para que no futuro nós não fiquemos no esquecimento.

Nota: E quem assim desejar, poderá ver um pouco do que é o Alasca no filme “Quem é Morto Sempre Aparece” com Robin Williams de 2005.

A VERDADE SEMPRE PREVALECE

Algumas histórias que aparecem são como aquela dúvida do copo com água até a metade. Está meio cheio ou meio vazio? Por hora afirmemos estar meio cheio e meio vazio ao mesmo tempo. Assim também, para algumas histórias, podemos dizer que são meio cômicas e meio trágicas.

Matéria divulgada no jornal Folha de S.Paulo diz que Billy Flores da Rosa recebeu por cinco meses a contribuição do Bolsa Família sem ter ido uma única vez ao Posto de Saúde de sua cidade para a pesagem e vacinas que, por “ser criança”, são obrigatórios para que possam estar na lista de beneficiários. Billy, na verdade, é um animal (gato) e seu dono é o coordenador do Bolsa Família de Antônio João (MS), cidade à 300 km de Campo Grande, capital. A mulher do coordenador, não sabendo do caso, entregou a verdade numa resposta ingênua feita pelo agente de saúde da cidade, na presença do “inocente Billy”. O coordenador já está devidamente exonerado e segundo a reportagem, porque ele próprio pediu; que fique bem claro.

Lembro que, ao ler esta história, outra me veio em mente. Trata-se de um dos famosos contos de Edgar Allan Poe, de nome “O Gato Preto” onde se mistura passagens de alucinações, desequilíbrios emocionais e horror. No final o dono do gato é pego pelos atos errados cometidos, e descoberto através do miado estridente do gato, preso numa parede da casa. É ler e conferir.

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi o precursor das histórias inverossímeis, de ficção científica, de terror; é tido como um dos autores góticos que se destacaram numa época em que mudanças não eram tão aceitas. O termo gótico foi por muitos anos utilizados pejorativamente, já que derivava de estilo “bárbaro” em contraste com as “tendências românticas” da época. Hoje, a cultura gótica está por todos os lados, ainda que muitos jovens utilizam-na mais como adoração ao “escuro”, a introspecção e outros gostos; seria,

portanto, uma “cultura obscura” esta e não propriamente cultura gótica.

O escritor Poe é tido como influenciador de muitos outros escritores famosos, tanto pelo seu estilo narrativo como pelo seu poder de criação invejável. Ele buscava os sentimentos “em certas profundezas da alma humana, em certos estados mórbidos da mente...” E o que pensar, então, da mente criativa do indivíduo morador da cidade de Antônio João (MS)?!

Tanto o gato de MS quanto o gato de Poe trazem à tona velhos chavões sobre a preciosidade das amizades de animais domésticos junto a seu dono ou aos seus donos. Também, pelos exemplos, fica claro que os belos animais tornaram-se cúmplices de atos ilícitos e ao mesmo tempo foram os mesmos a revelar a verdade. Sempre, a verdade prevalece. Neste ou noutro mundo, a verdade prevalece.

*Nota: Histórias Extraordinárias – Edgar Allan Poe
e sobre cultura gótica <https://www.gothicstation.com.br/>*

AQUELAS CARTAS DE AMOR

Parece mentira, mas aconteceu. Fato real. O assunto foi noticiado em alguns meios de comunicação, sem muito alarde. Fico imaginando a cena, insólita, onde policiais, através de denúncia anônima, entram na casa de um cidadão e dão de cara com mais de 2.500 cartas amontoadas e não entregues aos destinatários.

O cidadão em questão é um carteiro da cidade de Severínia, interior de São Paulo que alegando, em depoimento, medo de demissão por não atingir sua meta de entregas, simplesmente deixou de entregá-las.

Como ficaria Pablo Neruda (1904-1973), poeta chileno, num caso desses?

“O carteiro e o Poeta”, filme de 1994, retrata uma época de sua vida, onde, por motivos políticos, Pablo Neruda isola-se em uma ilha do Mediterrâneo e faz amizade com um carteiro quase analfabeto e que, com esta forte amizade, o poeta tenta ajudar o amigo a conquistar seu verdadeiro amor. Através de...

...Cartas de amor!

Possivelmente cada um de nós já escreveu uma... um dia. Atualmente é objeto raro. Ouço dizer que não se usa mais. Tem rede mundial de comunicação, retrucam outros.

Mas como escrever cartas de amor, via computador (desculpe a rima), se todos têm medo da quebra de sigilo?

Até eu, às vezes, sou chamado de um poeta “defunto”, que um dia escreveu cartas para a amada, e que as recebia também. O gosto pela espera, os dias se passando. Chegou... Ah! Cartas de amor. Psicologicamente um banho de emoções, e nenhum ser haverá de falar o contrário.

Quanto ao carteiro de Severínia, e neste caso específico mais pareceu um personagem de TV (“não contavam com minha astúcia!”), acredito, apesar da besteira que fez, que amadas e amados não se entristeceram, pois há dúvidas de que, atualmente, no meio

das tantas cartas e documentos, tivesse algo com este intuito – cartas de amor. Hoje, infelizmente, carteiro só entrega boletos bancários, faturas de cartão de crédito, contas de luz, água, telefone e afins. Coitados. Fazer o quê!

Claro que a gente fica acanhado e não fala com ninguém quando se escreve uma carta de amor, mas devemos retomar o hábito da escrita e das cartas, pois exercitaremos nossos sentimentos, e nossas lembranças serão sempre guardadas. Pense quando foi a última carta que você escreveu e reflita.

Sobre esse possível acanhamento e sobre cartas de amor, Fernando Pessoa (1888-1935) poeta português, escreveu um poema magistral: “Todas as cartas de amor...”. Diz assim:

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem Ridículas./
Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas./
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas./
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas./
Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas./
A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor

É que são
Ridículas./
(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)/

AS CARRANCAS DO VELHO CHICO

“Eu vi um anjo no mármore e esculpi para libertá-lo”. Esta frase teria sido dita por Michelangelo (1475-1564), famoso pintor e escultor italiano, para expressar, talvez, o sentimento interior que move as pessoas com esse dom artístico.

As esculturas são obras que acompanham o Homem desde os primórdios da humanidade e como consequência da evolução umas surgem e outras desaparecem, de acordo com o interesse das pessoas, não do artista.

Neste ponto quero relembrar um aspecto que está passando despercebido. Fala-se muito hoje em dia da transposição do Rio São Francisco, que de maneira simples de explicar seria o desvio do leito das águas de seu curso natural para outras áreas.

Pois bem, o que isso tem a ver com esculturas?

Deixando a parte pública e política do fato - a transposição do rio – o velho Chico, como é conhecido o rio São Francisco, nos desperta uma imensa curiosidade de suas histórias e lendas. A começar pelo seu nome, dado pelos descobridores portugueses, que chegaram à sua foz em 10 de outubro (dia de São Francisco Borja) de 1501.

Talvez uma das histórias mais bonitas sobre a arte popular e os costumes dessa região seja sobre “as carrancas de proa” dos barcos. Essas carrancas são esculturas em madeira, normalmente de seres ou animais não conhecidos, um monstro por assim dizer. Na literatura diríamos realismo fantástico.

Não se sabe explicar, ao certo, a origem das esculturas de proa, mas sabe-se que por ser um rio navegável, o São Francisco atraiu muitas pessoas e embarcações na procura de ouro. E claro que na agitação dessa procura os acidentes começaram a acontecer com maior frequência. Surgiram daí lendas sobre o “*Negro d’água*”, que era virador de canoas e barcos.

Então, as “carrancas” dos barcos do Rio São Francisco tinham a função de assustar o “*Negro d’água*”, tentando afastar o perigo dos acidentes e naufrágio. Assim acreditavam os barqueiros. Daí também ser chamada de “carranca protetora”.

O maior escultor de “carrancas” do médio São Francisco, foi Francisco Biquiba dy Lafuente Guarani (1884-1987), que embora tenha vivido muito, não teve o reconhecimento merecido, já que atualmente apenas um filho seu dá a continuidade na arte e mesmo assim, somente para a exposição dos trabalhos.

O mais importante agora, com relação às “carrancas”, é seu imenso valor artístico já que começam a desaparecer de um cenário, que outrora foi orgulho de nós brasileiros e hoje já está por demais esquecido – valor artístico; possivelmente ficará apenas na lembrança.

Nota: Quem se interessar por esta e outras histórias, recomendo um livro fácil e gostoso de ler que é “Brasil: Histórias, Costumes e Lendas” da Editora Três.

AS CONTRADIÇÕES DAS PIPAS

Dentre os muitos contos ditos filosóficos de Voltaire (1694-1778), poeta e filósofo francês, destaca-se a “História de um Brâmane, onde um homem muito sábio, cheio de espírito e erudição” vivia pensando com seus botões a respeito de uma enorme contradição em sua vida.

Segundo suas palavras ele bem desejara não ter nascido; diz ele: *“faz quarenta anos que eu estudo e foram quarenta anos perdidos; ensino aos outros e ignoro tudo; esse estado me enche a alma de tanta humilhação e desgosto que faz com que minha vida seja insuportável. Nasci, vivo no tempo e não sei o que é o tempo; encontro-me num ponto no meio de duas eternidades e não tenho a mínima ideia do que seja a eternidade”*. Portanto, *“quanto mais luzes havia em seu entendimento e mais sensibilidade em seu coração, mais infeliz era ele”*.

A contradição para ele era a não aceitação da felicidade à maneira dos “xucros”, dos tolos e apesar de ser infeliz preferia a razão. No mundo nós não estamos buscando a felicidade? No caso do sábio Brâmane, de Voltaire, parece uma insensatez preferir a razão à felicidade. Conto é conto, filosofia é filosofia; vale a pena discutir a respeito.

Temos, no entanto, no mundo de hoje vários exemplos que ilustram essa contradição; sabedoria e ignorância, razão e felicidade. Peguemos, por exemplo, um objeto que já foi motivo de várias reportagens aqui mesmo neste **Diário**, que é a pipa ou papagaio.

Mais do que uma fascinante brincadeira, a pipa apareceu nas primeiras eras da civilização, no oriente, com muitas funções e quando se difundiu na Europa e Estados Unidos foi motivo e veículo de muitas experiências científicas.

A mais conhecida de todas foi a experiência de Benjamin Franklin (1706-1792), jornalista, diplomata e inventor americano, que em 1752 utilizou-se de uma pipa para provar que os raios eram manifestações elétricas da natureza e daí surgiu a invenção do

“Para-raios”. Claro que ele, em utilizando sua sabedoria e razão, não ficou empinando a pipa feliz da vida, em meio à tempestade, pois teria sido fatal, já que a descarga elétrica percorreu toda a linha.

Agora, na visão das crianças e adolescentes, a pipa é uma maneira de brincar livremente, alegre, de modo barato. Muitas vezes, por estarem muito felizes e não serem alertadas devidamente, as crianças ignoram os perigos que rondam esta brincadeira.

Soltar pipas em proximidade a fios e postes de rede elétrica, colocar Cerol (mistura de cola com vidros moídos, pó de ferro ou cobre) nas linhas, são práticas abomináveis e não condiz com a verdadeira finalidade da brincadeira. Cabe aos pais, e somente a eles, a responsabilidade do ensinamento e proibição destas práticas objetivando a segurança das crianças e também prevenindo a integridade física de outras pessoas; e também de serem eles, os pais, responsabilizados por atos de seus filhos em desacordo com normas de segurança.

E agora? Manter-se ignorante em prol da felicidade, ou caso não haja segurança, não empinar pipas, usando a razão?

É evidente que podemos utilizar-se das duas coisas. Podemos muito bem, neste caso, fazer que nossas crianças sejam felizes e ao mesmo tempo usando a razão, bastando para isso a orientação desde a mais tenra idade para que utilize locais abertos sem rede elétrica e nunca, mas nunca mesmo, usar linha com Cerol.

BANDA DESENHADA E A CULTURA DE MASSA

Significativamente, frases atribuídas a alguém podem corresponder ao que chamamos de cultura de massa, já que podem viajar mundo afora levando o seu propósito nas palavras e no conteúdo.

Assim sendo, exemplificando de um modo simplista, podemos observar nestas frases: *“Se podemos sonhar, também podemos tornar nossos sonhos realidade”*; *“Eu faço histórias para contar histórias. Na minha infância ouvi muitas e até hoje meus avós me contam algumas, ou melhor, me ensinam a ser um contador de histórias”*.

A primeira frase é atribuída a Walt Disney (1901-1966) e a segunda a Maurício de Sousa (1935-), por coincidência os dois maiores artistas na arte de cultura de massa.

A popularidade atribuída aos dois deve-se em muito aos seus dons naturais e também a força de vontade na produção do que chamamos hoje de a Nona Arte.

Surgindo após uma revolução tecnológica no fim dos anos 1800 e início dos anos 1900, os “quadrinhos” (banda desenhada), como conhecemos hoje, têm sua própria história já desde o tempo das cavernas, pois a comunicação através de desenhos era muito explorada há milhares de anos atrás.

As histórias em quadrinhos, assim como o cinema, fazem parte desta popularização da cultura, ou melhor, da cultura de massa, pois atingem a todas as camadas sociais, idades, raças etc. Especificamente os quadrinhos utilizam, de uma maneira muito interessante, dois códigos de sinais gráficos para a comunicação, que são a imagem e a escrita.

Naturalmente, talvez seja a forma mais inteligente de se contar histórias, de se passar um recado ou de se ensinar alguma coisa, pois une situações de fácil entendimento tanto para crianças em início de alfabetização, quanto para as demais idades.

É muito bacana ver as pessoas contando histórias, e melhor ainda quando estas histórias são colocadas em papel através de desenhos e letras, pois isto torna as pessoas mais próximas dos sentimentos, das emoções e porque não, também dos seus próprios dons.

Difícil de dizer, mas tenho convicção de que o hábito de ler histórias em quadrinhos (gibis) desde a tenra idade leva a ser um bom leitor, no futuro, de todos os gêneros literários e apreciar com satisfação nossa cultura popular. Nas escolas e em nossas casas, devemos buscar esta magia das histórias em quadrinhos, para quem sabe, também termos muitos Maurícios ou Disneys desenhando por nossa cidade.

Se quiserem saber mais sobre “quadrinhos” entrem numa banca de revistas mais próxima, comprem uma revistinha e divirtam-se. Se possível em família.

BENGALA E CHAPÉU-CÔCO

“A coisa mais injusta sobre a vida é a maneira como ela termina. Eu acho que o verdadeiro ciclo da vida está todo de trás pra frente. Nós deveríamos morrer primeiro, nos livrar logo disso. Daí viver num asilo, até ser chutado pra fora de lá por estar muito novo. Ganhar um relógio de ouro e ir trabalhar. Então você trabalha uns 40 anos até ficar novo o bastante pra poder aproveitar sua aposentadoria. Aí você curte tudo, [...], faz festas e se prepara para a faculdade. Você vai para o colégio, tem várias namoradas, vira criança, não tem nenhuma responsabilidade, se torna um bebezinho de colo, volta pro útero da mãe, passa seus últimos nove meses de vida flutuando. E termina tudo com um ótimo orgasmo! Não seria perfeito?”

Genial. Quis a vida que o autor destas palavras pudesse encerrar seus dias entre nós, pelo menos num dia especial. Numa noite fria de 25 de dezembro de 1977, falecia de derrame cerebral, na Suíça, o *Tramp*, o *Charlot* e para nós os latinos, o *Carlitos*.

Charles (Charlie) Chaplin, nascido na Inglaterra, viveu muitos anos nos Estados Unidos e eternizou um personagem fantástico, não só pela figura em si, mas também pelo processo de levar e denunciar as questões sociais de uma maneira artística e cultural, abrangendo toda uma sociedade.

Talvez, as palavras ditas acima, por ele, sejam um reflexo de sua infância triste e pobre, vivendo de orfanato em orfanato, até ser descoberto por seu talento precoce; talento esse que lhe rendeu dinheiro e fama.

Ao criar *Carlitos* em 1914 ele achava que o contraditório pudesse ser engraçado, por isso as calças folgadas e paletó apertado, chapéu pequeno e sapatos grandes... Dizia ele que *se “alguma coisa que ele interpretava já era engraçada, não teria necessidade dele ser engraçado”*.

Recentemente, em comemoração aos 30 anos de seu falecimento, lançaram uma caixa com cinco DVDs, com o melhor de sua obra cinematográfica e também uma biografia cheia de

detalhes da sua infância, dos primeiros empregos, enfim, de toda sua longa carreira.

Esta questão do *Chaplin* e de seu personagem *Carlitos*, me fez traçar um paralelo com uma reportagem recente do programa Globo Ciência sobre vidro e cristal, sendo que este é de uma estrutura mais organizada que o vidro. Têm por excelência, vidro e cristal, além de serem transparentes, o poder da reciclagem absoluta e durabilidade quase que infinita.

Carlitos era como cristal, estruturado; não precisava falar. Só no gestual já era transparente no que queria transmitir; reciclar *Carlitos* é uma constante no meio cultural mundial e em se tratando de durabilidade, quem duvida que não será eterno?

Charles Chaplin nascia num dia 16 de abril, e seria de uma justiça enorme se, assim como Carlos Drummond de Andrade que o reverenciou num longo poema, também nós vivenciássemos o *Carlitos*, feliz, engraçado, de bem com a vida em todos os nossos gestos para com o próximo. Revejam sua história e seus filmes.

*Nota: Filmes O Grande Ditador, Tempos Modernos e muitos outros.
Poemas de Carlos Drummond de Andrade para Chaplin: Canto ao
Homem do Povo, no livro A Rosa do Povo; e A Carlito, no livro Lições de
Coisas.*

“BICICLETAS DE PEQUIM”

Embora não tenha sido no Brasil, uma pesquisa realizada com os habitantes de Londres dá a magnitude do resultado e, até certo ponto, uma surpresa ao que se esperava.

Pergunta feita sobre qual a invenção mais significativa desde os anos 1800, ganhou com folga a bicicleta, com 59% dos votos. Já a novidade que gostaria que fosse inventada ganhou a vacina anti-aids.

Por que a bicicleta, hein?! Segundo a pesquisa, para os moradores de Londres, a bicicleta foi lembrada porque engloba simplicidade de projeto, uso universal e por ser meio de transporte ecologicamente saudável. E sobre estas premissas, acho também que poderia valer para outras partes do mundo.

Alguns esboços do que seria a bicicleta foi elaborado por Leonardo Da Vinci já em 1490, mas foi somente em 1791 que um francês – o conde De Civrac – inventou o que passou a se chamar de *Celerífero*, que eram duas rodas de madeira fixas no mesmo plano, sob um quadro também de madeira e sem pedal. A partir daí, de evolução em evolução, chegamos aos dias atuais, com bicicletas modernas para todos os gostos.

Os maiores usuários de bicicletas, sem dúvidas, são os chineses. Para se ter uma ideia, em 2006 existia em torno de 540 milhões (isto mesmo, milhões) de bicicletas na China sendo o meio de transporte mais utilizado e também sinal de prosperidade e “status” social. Para cada carro na china existem 45 bicicletas.

As cidades de Pequim (capital) e Xangai contribuem com um número significativo delas, não só pelo maior número de habitantes, mas também por manter uma cultura de popularidade, ainda inabalável.

“Bicicletas de Pequim” (exibido recentemente pela TV Cultura) é um filme que tem como protagonista justamente a bicicleta e que,

na visão do diretor, ela leva e traz todo o cotidiano dos seus usuários; fazendo parte, constante, de seus destinos.

Aliás, esse filme (lançado em 2001), foi vencedor de vários prêmios internacionais, pois além de um belo filme, mostra também um lado pouco conhecido dos chineses e de suas vidas sobre duas rodas. As personagens traçam um perfil emocionante, num contexto inicialmente de repulsa e brigas (a partir do roubo de uma bicicleta), e depois, de atração e amizade. Psicologicamente, ficamos a espera de um final feliz, e isso contribui para quebrar todos os nossos preconceitos e dúvidas sobre a convivência, sobre a simplicidade, sobre as mentiras.

É impressionante, mas *Bicicletas de Pequim - o filme* - consegue nos ensinar a valorização da nossa fé e não é mera coincidência que numa das cenas faz-nos lembrar do calvário de Jesus. Tudo isso em torno de um tema em que a bicicleta é o sujeito principal.

Nestes tempos de tensão, onde há um desalinho entre o Homem e Natureza, entre Homem e o próprio Homem, sugiro a bicicleta – tanto o meio de transporte quanto o filme – para o equilíbrio necessário das nossas emoções.

*Nota: Tudo sobre bicicletas está num site muito legal, acesse
<https://www.escoladebicicleta.com.br/index.html>*

BLACKJACK

Relativamente frequente, as contradições para um determinado assunto nos convidam para uma tomada de opinião e, quem sabe, uma decisão.

Por exemplo, a revista *New England Journal of Medicine* salientou, em artigo, que dentre outras coisas o jogo de cartas é um excelente estímulo para a prevenção da doença de Alzheimer, além da leitura e atividade física.

Já a Revista Brasileira de Psiquiatria (volume 30, de maio 2008) publicou um excelente artigo de Jeremiah Veinstock e cols com o título de *“Ludomania: avaliação transcultural do jogo de azar por dinheiro e seu tratamento”*, artigo esse que é uma revisão da literatura mundial sobre o assunto e incluindo o Brasil, demonstrando que existe um número significativo da população (0,4 a 2,01 %) apresentando um transtorno do controle do impulso, chamado de *Jogo Patológico*.

No Brasil, segundo a pesquisa revelou, por não haver cassinos legalizados, a corrida de cavalos, as loterias estatais e os jogos de cartas com apostas são os métodos mais frequentes relacionados ao Jogo Patológico, que curiosamente está sempre acompanhado de outras alterações psiquiátricas, como dependência química e estados depressivos. Portanto, jogo patológico problemático deve ser encarado e prontamente encaminhado para tratamento psicossocial e farmacológico.

O jogo de cartas (baralho), de tão antigo, não se tem uma só versão para o seu aparecimento, mas sabe-se que vindo da Ásia (China e Índia principalmente) e Península Arábica, difundiu-se na Europa a partir do século quinze com grande aceitação e popularização. Todo o ocidente foi tomado pela novidade e as cartas tiveram poucas modificações desde o início para o modelo que conhecemos hoje.

“Blackjack” (também conhecido como “21”) é o jogo de cartas dos mais conhecidos e segundo historiadores teve início na França a partir do século dezessete. Este jogo teve uma abordagem de estratégia matemática muito interessante, já no ano de 1956, nos Estados Unidos, o que resultou num livro de nome “Beat the Dealer” (Bata o Negociante) formando vários aficionados pelo jogo, já que ao formular sua estratégia, o jogador tentava demonstrar sua inteligência para o êxito final, que era ganhar do banqueiro, através de raciocínio e memorização das jogadas. E a coisa foi se disseminando de tal maneira que até computadores foram usados para compilar as jogadas possíveis. E o vício foi tomando conta.

Daí as contradições expostas no início deste artigo, com relação às opiniões, que podem ser muito divergentes a respeito do mesmo assunto, no caso, o jogo de cartas.

Particularmente acho, assim como em qualquer situação, que os excessos nas cartas são claramente danosos, principalmente onde entra o chamado dinheiro. Caso contrário podemos até mesmo usá-las como diversão e trabalho ao cérebro.

Muito, mas muito legal mesmo, sobre tudo isso que falamos até agora, é o filme “*Quebrando a Banca*” em exibição em nossa cidade. Todo o processo de apresentação dos personagens (estudantes brilhantes, de universidades renomadas dos EUA) assim como a revelação das estratégias de vencer a “*banca*” no “*Blackjack*” além de suas regras, é entremeado com a dura realidade dos jogadores compulsivos que não conseguem achar o ponto de equilíbrio entre um início divertido e um fim problemático.

E assim caminha a humanidade, já diziam! Então, entre as contradições aproveitemos suas melhores partes.

CRIANÇA: INTERNAÇÃO HOSPITALAR E SEUS DILEMAS

Há alguns dias atrás uma “tira” (piada em quadrinhos), publicada num jornal de circulação nacional, me chamou à atenção pela sua simplicidade e ao mesmo tempo inteligência. Em três quadros mostrava a figura de um palhaço tipicamente circense, com aquele nariz e sapatos característicos, onde no primeiro quadro o autor indagava ao leitor o por quê dos palhaços usarem sapatos tão grandes? A seguir, aparecia o palhaço sem os sapatos e mostrava as unhas dos pés, imensamente compridas. Sim, segundo o autor da piada, é porque os palhaços têm preguiça de cortar as unhas!

Atuando com crianças há algum tempo, digo que uma das coisas boas que apareceram foram os “*Doutores da Alegria*”, turma responsável em alegrar àquelas crianças hospitalizadas e devido ao sucesso, hoje existem muitos “doutores” coadjuvando o tratamento de nossos infantes por todos os lugares.

A criança hospitalizada, como mostram muitos trabalhos científicos, apresenta sérios traumas emocionais que podem perdurar por uma vida inteira e as internações desnecessárias, mais frequentemente ainda, tratam de retirar o encanto das pequenas idades. Por incrível que pareça muitos pais, por desconhecerem o perigo, pressionam médicos para poderem internar seus filhos, mesmo que não haja indicação naquele instante.

Normalmente as crianças são educadas para confiar nos adultos (desde quando recém-nascido inclusive); para serem poupadas de emoções súbitas; disciplinadas para viverem em harmonia no seu ambiente, e tudo isto é perdido no momento de uma internação hospitalar.

Segundo Ercília Maria C. Trezza e col, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Botucatu, em artigo Prejuízos Emocionais à Criança Hospitalizada diz: “... as perturbações

podem ser graves ao ponto de determinar um retardo do crescimento e desenvolvimento, com regressão as fases anteriores”.

Continua o artigo: “*as consequências de uma internação na vida de uma criança são tão sérias que, às vezes, anos depois, ainda estão presentes, mesmo que ela tenha sido por doença leve, sem gravidade e por pouco tempo. Por tudo o que foi dito, a criança internada torna-se infeliz*”.

Quando a internação hospitalar de uma criança for inevitável, os agravos a ela devem ser diminuídos e esta tarefa “*deve envolver todos os que lidam com o pequeno paciente no hospital, sejam médicos, enfermeiras, atendentes, porteiros, cozinheiras, laboratorista, serventes e outros*”.

Uma boa recomendação aos hospitais, já na conclusão das experiências da Dr^a Ercília Trezza, seria a contratação de uma recreacionista com boa formação pedagógica, para “*manter programas tanto de lazer como orientar a continuidade do programa de ensino aos de idade escolar*”.

É um momento propício, onde nossas crianças estão sofrendo pressões emocionais por todos os lados, que profissionais da saúde, pais, responsáveis por políticas voltadas à criança e toda sociedade de um modo geral, possam pensar e refletir sobre este e outros tantos assuntos.

Baseado em história real, um filme lançado em 1998, conta a vida do Dr Patch Adams que delineia toda uma crença no amor e dedicação no tratamento e recuperação de pessoas internadas em hospitais, principalmente crianças. O filme “*Patch Adams – o amor é contagioso*” é sensacional e vale cada minuto!

Nota: Quem se interessar pelo manual de orientação aos pais - criança hospitalizada acesse: <https://www.sbp.com.br/> - clicar em departamentos científicos/ cuidados hospitalares/ manual

CULTURA, EDUCAÇÃO E O LAVAR AS MÃOS.

“O ano em que meus pais saíram de férias” é um filme generoso, na verdade, porque nos brinda com a estimulação dos sentimentos que por vezes deixamos esquecidos dentro de nós. De uma forma dúbia, porém bela, a história de Mauro, o menino que é separado dos pais, se passa à margem da ditadura militar, em 1970 e que ao longo do filme ele é poupado pelos adultos das notícias e acontecimentos verdadeiros, em relação ao destino de seus pais e do seu país.

Dentre tantas passagens do filme retratando aquela época, passou de relance, como propaganda de televisão, um personagem que se tornaria famoso e duradouro em nossas mentes.

Baixinho, narigudo e careca. Para os tempos atuais, até poderia ser o garoto propaganda de uma marca de bebida, mas naquele ano representou mais que isso.

Acompanhando-o por todos os lados, estavam seus amigos inseparáveis: os insetos. Rondando em torno de si, os mosquitos queriam dizer que ali faltava limpeza.

Quem tem mais de trinta, quarenta anos, provavelmente deve se lembrar do *“Sujismundo”* - criado para uma campanha de alerta às doenças e acúmulo de lixo urbano. O personagem ganhou status de gente grande, pois era evidente que o Brasil passava por problemas sérios de epidemias.

Devido ao período industrial, intensificado a partir da década de 1950, passou-se a ocorrer uma migração das pessoas para os centros urbanos, aumentando a população sem o correspondente aumento na infraestrutura. Assim, as cidades, passaram a ter, na sua periferia, populações sem o saneamento básico necessário, e com isso a propagação de doenças elevou-se.

Até parece que estamos falando dos dias de hoje, pois, apesar dos esforços empreendidos, as doenças continuam aí afetando todos nós.

“Povo desenvolvido é povo limpo”? Deveria ser, mas nem sempre o é.

O ideal é que, através da educação e cultura, tenhamos um desenvolvimento equilibrado e correto, procurando, com medidas simples, mas constantes, atuar na prevenção das doenças.

A despeito de grandes revoluções na medicina, de pesquisas e mais pesquisas no campo científico para tratamento e prevenção de doenças e de se colocar para a população uma infinidade de recursos, já está provado que, na prática, a medida mais importante está relacionada com limpeza e higiene.

Lavar as mãos, com água e sabão, é uma medida simples e eficaz, que está ao alcance de todos.

Coloque-se em cada local de trabalho (fixo ou ambulante), em creches e escolas, em áreas de atendimento à saúde, em nossas casas, enfim, em todos os locais, uma placa ou referência lembrando a necessidade de se lavar as mãos e veremos o resultado belíssimo que isso trará para nossa saúde. Será que a campanha do “Sujismundo” deveria voltar?!

Saudosismo à parte seria interessante que os pais levassem sempre seus filhos ao cinema em nossa cidade. Assistindo “*O ano em que meus pais saíram de férias*” além de cultura, terão assuntos para diálogos prazerosos. Então mãos à obra!

Nota: atualmente o filme também está em catálogo nas plataformas de streaming

DARPP-32 E A ESQUIZOFRENIA

Recentemente temos assistido, impassíveis, as atrocidades cometidas por indivíduos que, à luz da razão, são tidos como “loucos”; tão desmesuradas e sem propósitos que são suas ações contra a sociedade.

Haja vista que sobram exemplos de esquitejamentos, violência gratuita contra crianças e idosos e por aí vai, numa onda de perplexidade e dúvidas sobre “para onde caminha a humanidade”.

Demência precoce era a designação dada às pessoas que tinham atitudes semelhantes à Doença de Alzheimer somadas aos delírios e retraimento, mas em 1911 um novo conceito foi criado pelo psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler (1857-1939) para melhor entendimento desta doença, já que muitos pacientes apresentavam uma *“dissociação entre si mesmo e a pessoa que ocupa seu corpo”*, além de que a maioria não apresentava demência e nem tão precoce assim (menos de 5% eram de crianças abaixo de 10 anos).

Estou me referindo à esquizofrenia e este foi o termo criado por Bleuler, significando “mente dividida” para esta condição nosológica (“esquizo”=divisão, “frenes”=mente) e atualmente é um termo aceito por toda a comunidade médica e científica para *“este transtorno mental psicótico, uma doença da personalidade total que afeta a noção do eu do indivíduo e por consequência a visão do meio onde está inserido”*.

Aparece em praticamente 1% da população, quer dizer, em cada 100 pessoas uma desenvolve a esquizofrenia e tem no fator genético ou hereditário, apesar de estudos ainda não totalmente conclusivos, um fator de risco importante, já que foi demonstrado *“que se um dos avós com esquizofrenia o risco aumenta para 3%; se um dos pais ou irmão o risco vai para 10 a 20% e se o pai e a mãe sofrerem de esquizofrenia o risco atinge de 40 a 50%”*.

É de conhecimento que tanto as drogas lícitas quanto ilícitas (principalmente estas) são desencadeantes, agravantes e até um fator de aparecimento da esquizofrenia nos indivíduos com predisposição e que estas mesmas drogas estão implicadas nas atitudes bárbaras dos esquizofrênicos, além de desajustes familiares tão frequentes.

Sendo uma doença de difícil diagnóstico e uma das mais estudadas em todo o mundo, resta a toda sociedade a luta constante contra todo tipo de droga para evitar as “loucuras” que determinados indivíduos cometem e impressionam a cada um de nós, porque apesar da doença causar *“distorções do pensamento, da percepção da realidade e inadequação da interação com outras pessoas ela NÃO afeta a capacidade intelectual do indivíduo”*.

Pelo contrário; há uma relação constante e muito forte de esquizofrenia e inteligência, baseada em estudo do Instituto Nacional de Saúde Mental, dos Estados Unidos e publicado no “Jornal de Investigação Clínica”, onde comprovaram que uma variação comum de um gene, o DARPP-32, deixa mais eficiente a região do cérebro responsável pelo raciocínio mais sofisticado e que também é encontrado sistematicamente em pessoas esquizofrênicas.

Assim é possível que pessoas acometidas de esquizofrenia, bem cuidadas e trabalhadas, com maturidade, seriedade, presença multiprofissional e, principalmente, apoio e presença familiar, venham a se destacar beneficentemente na sociedade. Na lembrança, me ocorre dois exemplos de pessoas com a doença e que foram importantes e com sucesso. Uma delas, Roger Keith Barrett (1946-2006) mais conhecido como Syd Barrett, foi um dos fundadores do grupo inglês Pink-Floyd e John Forbes Nash (1928-), matemático americano, que teve sua vida retratada no filme “Uma Mente Brilhante” de 2001, e que também conseguiu a façanha de ganhar o prêmio Nobel de Economia, merecidamente, em 1994.

Vale a pena ficar nos bons exemplos de uma doença tão grave e ter a esperança de que, todos nós, possamos um dia não ver mais barbáries e ter que justificar todos os atos cruéis como “loucura” e que na verdade, o desamparo e a facilidade das drogas é que motivam os atos maléficos.

Nota: fonte www.esquizofreniainfantil.com

Sugestão de filme: “Uma Mente Brilhante”

E atualizando: John Forbes Nash faleceu em 2015.

“DE PENSAR MORREU UM BURRO”

“Deitado ao redor de uma praça, ossos quase perfurando o couro, a beira do fim, estava um burro, e as poucas vezes que tentava levantar sua cabeça mostrava seus olhos contemplativos, àqueles próprios dos que meditam. Deixado por alguém, estava à mercê da própria sorte. Por certo pensava na trajetória de sua vida”.

Trajetória que Machado de Assis (1839-1908) procurou decifrar na crônica *“Reflexões de um burro”*, tentando antever as ideias daquele animal prestes a morrer; citando inclusive um arqueólogo francês de nome Champollion (1778-1867), famoso por decifrar os hieróglifos egípcios, onde a história do antigo Egito pode ser conhecida.

Machado de Assis traz à tona, já naquela época, e talvez premonitoriamente, que o animal Burro sofreria todo tipo de descaso, pois vivendo em uma sociedade ignorante não havia nenhum documento à sua proteção.

Burro, jumento, asno e jegue são originários principalmente da África e desde épocas remotas já eram utilizados para carga e transporte, por serem animais fortes, resistentes e bravos.

Por estas características (forte e bravo), passou-se ao cruzamento de cavalo (mais dócil) com burro e já de longa data isto vem acontecendo, motivando o aparecimento de muares (raça híbrida). Estes, tanto os machos quanto as fêmeas, são estéreis, quer dizer, sem capacidade de procriar.

Antigamente, como ninguém se preocupava em adestrar o burro, já que era só para carga e transporte, ele foi ficando um tanto teimoso nas suas ações e daí surgiu uma das lendas a respeito de seu nome. Em latim *burrus* significa vermelho e vermelhas eram todas as capas dos dicionários da antiguidade e sendo assim os povos diziam que estes animais precisavam aprender muito. *Burrus* neles.

A bem da verdade esses animais, apesar de serem fortes e resistentes, estão em extinção por todo o mundo e principalmente

aqui no Brasil, devido ao cruzamento com outras raças e também pela intensa mecanização agrícola e êxodo rural.

Portanto, “de pensar morreu um burro” foi mesmo uma citação popular que se desviou de um bom caminho, pois um pensamento é sim um exame de consciência, muito embora nem todos “pensem” assim.

Examinando nossa consciência com o rigor merecido veremos que todas as criaturas da natureza enfrentam suas dificuldades naturais e temos que atuar da melhor maneira possível em cima disso. Quem sabe para não termos, como os asininos, que ficar na agenda de criaturas em vias de extinção.

Nota: Recomendo a leitura da Lei Estadual 11.977/2005, que instituiu o Código de Proteção aos animais e também a leitura de “Crônicas Escolhidas” de Machado de Assis, editora Ática-1994 que inclui “Reflexões de um burro”.

DIAS DA SEMANA - DOS ASTROS ÀS FEIRAS LIVRES

Apesar de ninguém se importar com isso, ou melhor, ninguém se importar com o porquê disso, aceitamos como regra geral a semana de 7 dias, como o próprio nome diz em latim-Septimana – período de 7 dias.

Os antigos romanos já utilizavam esta prática, a de dividir o ano em semanas, relacionando astros aos dias (nesta sequência: Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Terra).

Adaptado em toda Europa, este sistema latino de nomear os dias da semana não vingou na língua portuguesa, donde uma terminologia eclesiástica foi introduzida por Martinho de Dume, bispo da igreja católica em Braga (Portugal), trocando os termos pagãos em vigência (soles die, lunas die, etc.), por *feria secunda*, *feria tertia*, *feria quarte*, *feria quinta*, *feria sexta*, *sabbatum* e *dominica die*.

“*Feria*” significa dia de festa, feriado, e baseado nisto os lusos, que tinham costume de serem ambulantes, fazendo comércio em praças e ruas, iam fazer “feria”, “feira” (assim falavam também) um dia em cada região. Era uma verdadeira festa. Daí chega, por conta disso, uma nova mudança da terminologia dos dias da semana na língua portuguesa (segunda-feira, terça-feira etc.). Ainda podemos ver essa tradição lusa em várias partes do Brasil e do mundo com as feiras livres nos bairros (segunda-feira num bairro, terça-feira noutro bairro e assim sucessivamente).

E as feiras livres são mais do que tradição. Elas também são motivos de apreciação cultural e de lazer, devido à diversidade de pessoas que vendem seus produtos com formas próprias e peculiares de falar, de se expressar.

No entanto, a lembrança maior que se tem das feiras (e é quase seu sinônimo) é o seu pastel. Pesquisas indicam que os adultos de hoje gostam do pastel não só pelo sabor em si, mas

também porque lembranças do passado, quando as famílias (com mãe e avó principalmente) iam às compras e que tinham o pastel como prêmio, trazem boas recordações e sensações de bem-estar.

Então, dos astros às feiras, devemos glorificar todos os dias da semana, e passeando pela história, temos a certeza de que cada dia nos é revelada uma surpresa.

Faça também, você, um passeio pelas feiras livres e observe a sua história.

DITH PRAN E O SEGREDO DAS LENTES

Às vezes, a tentação de revirar alguns pertences pode nos trazer lembranças e histórias aquietadas em nossa memória.

Foi assim que dia desses redescobri uma Zenith, máquina fotográfica russa, comprada há algumas décadas atrás, na Rua São Bento, centro de São Paulo. Naquela época estava iniciando minha vida profissional, no grande ABC e preparando-me para o matrimônio, mantendo como hobby duas coisas vindas da infância: cinema e fotografia.

Lembrava-me sempre de um senhor, amigo de minha família, que mantinha um pequeno comércio de fotografias em Nhandeara e se chamava Shimao Kubota. Natural do Japão vivia feliz junto com toda família, e sempre que podia fazia a leitura dos jornais japoneses para todos nós que o procurávamos e nos ensinava os segredos de um bom fotógrafo. Sempre generoso.

Pois bem, acredito sim que a fotografia possa ser um elo verdadeiro de uma grande amizade; tanto na questão simbólica do que representa a foto em si, quanto na questão das pessoas que fotografam e que são fotografadas. Na medida em que nos dispomos a registrar situações através de uma máquina fotográfica, já se inicia com isso o bem estar que alimentará nossas lembranças e sentimentos para sempre.

Toda essa lembrança me veio mais forte após a notícia do falecimento de Dith Pran, um fotógrafo do Camboja (país asiático), que trabalhou como assistente e intérprete de um correspondente de guerra do jornal “*The New York Times*”, quando da tomada do poder pelo regime comunista radical do Khmer Vermelho em 1975. Ele e seu amigo do jornal americano Sydney Schamberg não arredaram pé do país, na época, no intuito de realizarem reportagens in loco. Ele foi preso pelo regime, torturado e castigado por quatro anos, quando conseguiu fugir. Seu amigo

correspondente foi encontrá-lo na Tailândia, em 1979, trazendo-o para os Estados Unidos, onde viveu até 30 de março de 2008, quando faleceu por complicações de um câncer de pâncreas.

E Sydney Schamberg, o amigo fiel, coloca em destaque a importância do fotógrafo Dith Pran na resistência e sobrevivência ao regime imposto em sua pátria e na amizade que os dois tiveram até o último instante.

A fotografia pode ser apenas um pretexto, mas ela com certeza ajuda a construir histórias como a de Dith Pran. Esta passagem de sua vida deu inspiração para a realização de um belíssimo e premiado filme, chamado *“Os Gritos do Silêncio”* de 1984. Vale a pena rever o filme e discutir a verdadeira amizade!

DO MONTE PARNASO AO HINO À BANDEIRA

Muitos historiadores tiveram ou ainda têm, grandes dificuldades para narrar o que nós entendemos como mitologia greco-romana, pois compreende, como o próprio nome diz, *“mitos, lendas e entidades divinas e/ou fantásticas presentes na religião praticada na Grécia Antiga, criados e transmitidos por tradição oral”*.

Segundo a tradição, os deuses viviam no monte Olimpo, de onde partiam todas as histórias e dentre esses deuses, um conhecido como Apolo - deus da luz do sol, da poesia, da juventude, da cura – a ele era consagrada a montanha Parnaso.

Daí que muitos escritores e amantes da arte subiam até este monte para se inspirarem, já que acreditavam piamente que Apolo era um deus da arte.

Na França, iniciou-se um movimento literário que, homenageando a mitologia greco-romana, ficou conhecido como Parnasianismo (alusão ao monte Parnaso), movimento este que tinha o “preciosismo vocabular, respeito às regras de versificação, espírito positivista e científico” para a construção de poesias, opondo-se ao Romantismo, até então preponderante. Considerava-se a arte pela arte tão somente, no modo de escrever.

No Brasil, quando os movimentos sociais, no final do século dezenove e início do século vinte, ficaram mais acentuados, como o abolicionista, republicano, o Parnasianismo tomou força e se mostrou tão intenso que por muitos anos permaneceu sendo o mais importante.

Dentre muitos que abraçaram a nova corrente literária em nosso país temos o que se denomina de a Tríade Parnasiana, composta por personagens tão esquecidos como Alberto de Oliveira, Raimundo Correa e o mais típico dos parnasianos que foi...

Calma! Antes de citá-lo devo dizer que, este outro, iniciou curso de medicina e direito, mas não terminou nenhum, pois o jornalismo e literatura falaram mais alto em sua vida. E através do jornalismo político, participou de movimentos para o fim da Monarquia e restabelecimento da República e também do mais famoso movimento, para ele, que foi em favor do serviço militar obrigatório.

E como bom republicano que foi, deve ser lembrado, lido e relido, pois ajudou, e muito, na extensa história deste jovem Brasil.

Naquela época ele via “*A Pátria*” assim: “*Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! não verás nenhum país como este! / Olha que céu! que mar! que rios! que floresta! / A natureza aqui perpetuamente em festa,... /*”.

No entanto, tenho certeza que grande parte do povo brasileiro se lembra mais dele através destas palavras: “*Salve, lindo pendão da esperança, / Salve, símbolo augusto da paz! / Tua nobre presença à lembrança / A grandeza da Pátria nos traz. / Recebe o afeto que se encerra / Em nosso peito juvenil, / Querido símbolo da terra, / Da amada terra do Brasil!*”. O belíssimo hino à Bandeira!

Parabéns Olavo Bilac (1865-1918), considerado o maior dos parnasianos, autor de poesias belíssimas e do hino à nossa Bandeira. Moralmente temos o dever de manter o legado de Bilac, nas artes, nas lutas - principalmente da liberdade; relembro, assim, os versos do hino à República: “*Liberdade! Liberdade! / Abre as asas sobre nós! / Das lutas na tempestade / Dá que ouçamos tua voz!*”.

Nota: Para ler Olavo Bilac: livro “Poesias” texto integral, editora Martin Claret e para ter a letra completa dos hinos acesse: www.brasile scola.com/historiab/hinosbrasileiros.htm

DO PENICILLIUM AO ENGENHO

Na década de 30 do século passado, várias situações provocaram desordem mundial, a ponto de contribuírem para culminar com a Segunda Guerra e dizimar milhões de vidas mundo afora; sendo que o terrorismo partidário da pós-revolução russa (leninismo-stalinismo) junto com o nazismo são exemplos clássicos e duradouros em nossa mente, da barbárie instalada.

Nesta mesma época também, foi descoberta uma substância que, apesar de ser “contra a vida”, ajudou a salvar milhões de vidas durante a Segunda Guerra Mundial.

A penicilina foi o primeiro antibiótico – *palavra que vem do grego que significa “contra a vida”* – utilizado contra a vida de bactérias, é claro, e de enorme sucesso, pois até hoje é considerada um dos milagres da medicina. Alexander Fleming foi o cientista descobridor da penicilina em 1928, e que entrou em escala de tratamento somente em 1941; por este feito recebeu o Nobel de Medicina em 1945.

Dentre as tantas doenças curadas com a introdução da penicilina destacam-se, já naquela época, as pneumonias, tuberculose e principalmente doenças venéreas como sífilis e gonorréia.

Carlinhos, já órfão, torna-se gálico (gonorréia) aos doze anos, após ser corrompido pela promiscuidade do engenho do avô, das mentiras que lhe falavam e da solidão, que só fazia aumentar as preocupações, os medos e os sonhos. A doença, neste caso, não causou grandes problemas de saúde, pois mesmo não havendo ainda o tratamento com penicilina, foi-lhe dado um “tratamento literário”; e dos bons!

Estamos falando do personagem-protagonista do livro “*Menino de Engenho*”, lançado em 1932, sendo o primeiro romance de um dos grandes escritores regionalistas do Brasil, que foi José Lins do Rego (1901-1957). A infância de Carlinhos é tida como uma

autobiografia da infância de José Lins, já que este viveu no interior e conviveu de perto com toda estrutura dos engenhos de açúcar.

“Menino de Engenho” é obra prima da literatura regionalista do Brasil e José Lins do Rego é um de seus expoentes; merecidamente tem sua trajetória de vida contada num documentário, em longa-metragem, lançado esta semana com o correto título de *“O Engenho de Zé Lins”*.

É correto afirmar que estamos passando novamente, em nossa região, um novo ciclo da cana-de-açúcar. Para alguns, o ouro verde; para muitos, porém, o início de devastação ambiental e sacrilégio aos cortadores de cana, a fauna e flora. A conferir.

Como sugestão, sugiro trazer o passado ao presente, lendo o excelente livro *“O Menino de Engenho”*.

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E A MEMÓRIA CELULAR

Estão em evidência, nos últimos tempos, longos debates sobre doação e transplantes de órgãos, e que no Brasil, diga-se, vão caminhando a passos lentos na questão do número de doadores. As equipes de profissionais que realizam os transplantes, no entanto, são de alto nível e necessitam de material para restabelecer sobrevida aos que esperam numa fila interminável. Indo na contramão dessa lentidão, temos um aumento considerável de transplantes intervivos aqui no Brasil, o que é alentador.

De vez em quando surge alguém com ideias mirabolantes e que coloca todo mundo a pensar. Sendo assim, a respeito de órgãos e transplantes, doadores e transplantados, um americano, neurocientista, chamado de Paul Pearssal, mexeu com os meios científicos, publicando um estudo já alguns anos atrás sobre um assunto polêmico: a memória celular.

Segundo sua teoria, as células do órgão transplantado carregariam na sua memória alguns aspectos do doador, que de certo modo influenciam o receptor na questão física, mental e espiritual.

Algumas pessoas que receberam órgãos passavam a ter gostos e sentimentos do doador, sempre de acordo com o que foi publicado, através da memória das células.

Vale lembrar que até o momento não existe nenhuma evidência científica de que isso seria possível. No livro, Tratado de Fisiologia Médica, o autor Guyton trata da função teórica do DNA e RNA, que *“passam a atuar como códigos para controle de reprodução, que nada mais é que uma variedade de memória, de uma geração para outra”*, mas não relaciona outros dados, principalmente os subjetivos.

Para “matar” nossa curiosidade, este assunto é mostrado no filme *“O Olho do Mal”*, em exibição no cine Votuporanga, onde a

protagonista irá realizar um transplante de córnea e, após isso, terá visões e sentimentos que ela julga serem da pessoa doadora.

O interessante é que, devido ao nome que deram ao filme no Brasil (no original é somente “O Olho”), as pessoas ficam pensando que é terror puro e simples, o que não é verdade!

Existe suspense sim, mas também existe uma mensagem muito significativa e importante para muitas reflexões.

Creio que deva haver não só uma ligação mecânica do órgão transplantado ao receptor, mas some-se a isso uma ligação que podemos chamá-la de afetiva e espiritual; daí talvez, a teoria possa ter algum sentido.

A ciência ainda não demonstrou esta teoria de Paul Pearssal sobre a memória celular, porém o tema é muito bom para as conversas e o filme é melhor ainda para se ver.

EDUCANDO O CÉREBRO: PASSADO, PRESENTE

Foi publicado, na revista científica *Science*, mais um estudo de neurocientistas mostrando diferenças cerebrais entre meninos e meninas, mais precisamente neste caso, relacionado com o aprendizado de idiomas. Em síntese, demonstraram que há diferenças na atividade cerebral para os testes que envolvem idiomas, tanto na fluência verbal como na palavra memorizada, sendo que as meninas mostraram-se superiores. Segundo estes especialistas, os estudos dão apoio à ideia de “aproximações educacionais diferentes para meninos e meninas”, achando eles que, até em uma escola de nível médio poderia haver separação dos sexos para um melhor aproveitamento do ensino.

Volta e meia, sempre aparecem estas ideias, a de separação de gêneros nas escolas; no entanto, admitindo esta possibilidade, voltariamos nos primórdios da educação no Brasil, onde a hierarquia social impunha a hierarquia escolar.

Em 1827, já no período imperial, através de um projeto de lei, criavam-se as chamadas pedagogias (escolas primárias) em todas as cidades e vilas; exames para seleção de professores e abertura de escolas para meninas.

Esta lei dizia que, nas escolas de meninas, as mestras *“ensinarão as quatro operações de aritmética, a gramática de língua nacional, os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica apostólica romana e... prendas que servem à economia doméstica”*.

Hoje com a modernidade do ensino, existem cadeiras específicas para tratar de assuntos sociais e gêneros, objetivando um maior envolvimento de respeito mútuo entre meninos e meninas, alunos e alunas; não o contrário. Não dizendo: isso é só para meninas, isso é só para meninos! Por que retroceder, pelo menos aqui no Brasil, a 1827?!

Professores especializados doutrina outros profissionais para poderem atuar de pronto ao menor sinal de condutas errôneas de seus alunos dentro de sala de aula, como piadas sexistas, raciais, que gerem preconceitos ou diferenças de gênero. Isto também tem que ser praticado no seio da família.

Em matéria de cérebro, cada dia mais aparecerão estudos e, conseqüentemente, conclusões e ideias. Diferenças estruturais, físicas e biológicas, entre os sexos a gente sabe que existem; no entanto não temos o direito de achar que isto seja motivo de segregação.

E para relaxar, que ninguém é de ferro, têm vários filmes que ajudam a entender o cérebro e suas nuances (memória, esquecimento, etc.) e que modificam o nosso pensamento no dia a dia. Um em especial e vale a pena assisti-lo, chama-se *“Feitiço do Tempo”*.

Nota: Quem se interessar em conhecer um pouco mais sobre a história da educação no Brasil acesse o site:

<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao-paginas-unicas/conbeca-a-historia-da-educacao-brasileira>

ELAS ESTÃO EM TODO LUGAR

1940.

Diante de possíveis perseguições e censura do Estado Novo, de Getúlio Vargas, um notável brasileiro distribuía de mão em mão, o que seria um de seus melhores livros.

Com 150 exemplares, a primeira tiragem do livro *“Sentimento do Mundo”* foi, para Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), uma conquista sem precedentes. O poema que dava origem ao título do livro, em resumo, era o seguinte: *“tenho duas mãos e o sentimento do mundo”*. Escrevia com sua caneta-tinteiro a desolação com o caminhar do mundo à Segunda Grande Guerra Mundial.

Bem pertinho da gente, na nossa vizinha Argentina, nessa mesma época, chegava um imigrante búlgaro que, fugindo da Guerra, iria ficar para a história.

Laszlo Biró (1899-1985) trouxe consigo, além de sua família, o seu invento; invento este que revolucionou o mundo da escrita.

Ainda na Bulgária, trabalhando como tipógrafo de um jornal, observou que a tinta já saía seca após passar pelas rotativas imprimindo o papel e isso lhe rendeu uma pergunta: Por que não utilizar esta tinta para escrever à mão, já que somente havia caneta-tinteiro, que borrava muito? E assim ele imaginou, idealizou e realizou, juntamente com seu irmão químico, a primeira caneta esferográfica.

Quando Laszlo Biró mudou-se para a Argentina, em 1940, ele já havia patenteado sua invenção e começou a produzir em sua casa e vender em grande escala as canetas Biró – cilíndricas, transparentes, com ponta esférica, roliça, de metal tungstênio e de custo muito baixo. Um desodorante do tipo roll-on tem o mesmo princípio, vamos assim dizer, da caneta esferográfica.

Em 1944, já sabendo das benesses desta caneta, uma empresa americana comprou os direitos da invenção, colocando-as no mercado americano e, em 1950, antevendo o sucesso que se

tornaria este invento, o barão francês Marcel Bich, produtor de canetas-tinteiro, adquiriu da empresa americana os direitos para a produção da caneta. Iniciava aí a comercialização na Europa das canetas esferográficas Bic – em alusão ao sobrenome do barão.

Hoje as canetas esferográficas estão presentes em todo o mundo e utilizadas por todas as pessoas, sem distinção social ou coisa que o valha, fazendo delas um objeto dos mais democráticos em nosso meio.

E já que tudo começou com uma observação nas oficinas de um jornal, deixo aqui registrado um poema de Drummond, chamado Poema do Jornal: *"O fato ainda não acabou de acontecer/ e já a mão nervosa do repórter/ o transforma em notícia./ O marido está matando a mulher./ A mulher ensanguentada grita./ Ladrões arrombam o cofre./ A pena escreve./ A polícia dissolve o meeting./ Vem da sala de linotipos a doce música mecânica"*.

EM BUSCA DA LIBERDADE

Minha geração viveu e cresceu sob influência, principalmente, de produtos estrangeiros, e em todas as áreas inclusive; por exemplo, na música: Pink Floyd, Gênesis, Supertramp, Bee Gees, Beatles e etc., e quem está na casa dos 40 deve se lembrar bem do slogan “Calça jeans, calça Lewis” e a tão sonhada “calça Lee”. Na época, vivíamos a censura militar às coisas nossas. Era o final dos anos 60 e início dos anos 70 do século passado.

No entanto, apesar de tudo, fomentou-se grande atividade cultural em nosso país e emergiu daí grandes produções literárias, cinematográficas, teatrais, musicais e que repercutem, até hoje, toda uma época brilhante e saudosa.

Pensamentos e soluções brotavam nas mentes dos jovens, que queriam, de certa maneira, participar com suas garras e vibrações das mudanças que o desenvolvimento estava proporcionando.

Fiz esta introdução porque me lembrei de uma passagem dessa época a partir de uma observação despretensiva do cotidiano. O fato é que, trabalhando em cidades vizinhas à Votuporanga, tenho que viajar alguns quilômetros diariamente e noto que aumentou muito a quantidade de borboletas que saem das vegetações próximas à pista em direção aos carros. Talvez seja uma fuga das queimadas ou dos pesticidas agrícolas.

Então me veio a recordação de um filme, sucesso de bilheteria, de 1973, que se chamava “Papillon”. Estrelado por Steve McQueen e Dustin Hoffman conta a história real de Henri Charrière – conhecido por Papillon por ter uma grande borboleta tatuada no peito. Foi condenado, em 1921, a prisão perpétua por um crime que não cometeu e enviado a Guiana Francesa em 1923 e depois a “ilha do Diabo”, no mesmo território - prisão esta que ninguém tinha conseguido escapar!

Papillon busca incessantemente sua liberdade; planejando fugas impossíveis encontra na paciência a única forma de lograr êxito. A degradação moral e física a que é submetido faz com que se resigne diante de todos os percalços até sua provação final. E o final de sua história é surpreendente.

Aqui cabe uma discussão: assim como as borboletas da estrada, Papillon tentou reconquistar o que tinham lhe tirado, a possibilidade de viver sua vida no seu mundo, em paz e livre.

Passado e presente se unem para nos mostrar, e mais que isso, nos inquietar no sentido de que temos obrigações de amor e liberdade para com os seres humanos, para com a natureza, enfim, para com o universo.

Nota: Sugestão para assistir o filme “Papillon”

ENIGMAS

Quando a gente vai se acomodando com algumas coisas como, por exemplo, de quase nunca andar de ônibus, às vezes nos surpreendemos com situações inusitadas.

Ao adentrar, recentemente, à estação rodoviária de Votuporanga, levando parentes ao embarque, notei uma desolação imensa no andar térreo contrastando com a agitação do andar superior, esta sim, típica de ocasiões próximas à feriados, como estamos vivendo agora.

Até aí, tudo bem, pois estes são alguns mistérios, enigmas de nossos tempos. No entanto, fiquei mais surpreso ainda, ao ver no ônibus que chegava, ao qual iriam embarcar meus parentes e outras pessoas, escritos na lateral, os seguintes dizeres: “O *lugar da pedra branca* – 20° 49’ (w) e 49° 22’ (s)”. Juntando a observação do fato e minha curiosidade, pude deduzir tratar-se de outro enigma, uma charada talvez.

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, enigma é “qualquer coisa de difícil explicação” à primeira vista; também “indivíduos cujas atitudes e sentimentos são indecifráveis”.

Pela definição da palavra podemos associá-la a uma das personagens mais enigmáticas de romances brasileiros que me vem à memória. Trata-se de Gabriela, do romance de Jorge Amado (1912-2001), “*Gabriela, cravo e canela*” publicado em 1958. Se não foi o melhor, com certeza foi o livro que mais deu notoriedade ao escritor brasileiro.

Gabriela foi, durante o desenrolar da história, uma figura que ditava seu próprio caminho; suas emoções e atitudes iam além da compreensão da sociedade para aquele momento, daí ser desejada por muitos e angariar ciúmes e invejas. Decifrar sua personalidade e sentimentos não é tarefa fácil, estando aí a força desse romance.

Assim também muitas pessoas vivem. Enigmáticas, misteriosas na conduta, talvez procurando ainda um modo correto

de viver. Dependendo do temperamento que se manifesta e sobressai, nestas pessoas, o caminhar pode ser muito espinhoso, mais do que desejam. Fica uma pergunta: Vale a pena ser enigmático (a)?

A respeito do ônibus, “O lugar da pedra branca” é a tradução da palavra tupi “Itamarati” e os números (20°49’w e 49°22’ s) são as coordenadas de localização da cidade de São José do Rio Preto, sede da empresa.

E, portanto, já não é mais mistério.

Nota: Livro Gabriela, cravo e canela. Jorge Amado, editora Record, e para quem se interessar em desvendar enigmas visite <https://incrivel.club/tags/enigmas/>

ENTRE A AÇÃO E O MISTÉRIO

O cenário é o aeroporto de Miami (EUA), o horário é o noturno e logo será apresentado ao mundo o maior avião comercial de passageiros; portanto, muitas pessoas se encontram no local. Um plano para explodir esse avião é descoberto e o “mocinho” consegue impedir a destruição. Assim foi uma das cenas de ação mais bem filmadas e cheia de efeitos visuais que o cinema pode realizar.

O “mocinho” em questão é o detetive James Bond e o filme é *“007 e o Cassino Royale”* em recente exibição no cine Votuporanga.

A propósito, quando se fala em detetives a literatura nos dá uma fartura de suas histórias e personagens e há quem diga que somos ou queremos ser um pouco “detetives”, investigativos, e não investigados!

Neste contexto, James Bond, que trilha sua conduta baseado em AÇÃO e nos lugares mais exóticos, tem seu lado oposto, não menos brilhante, na literatura ficcional.

Trata-se de Sherlock Holmes, o mais famoso dos detetives, todo cérebro (segundo sua própria definição) e, envolto a MISTÉRIOS, soluciona seus casos dentro de uma linha investigativa ímpar, com calma e discrição.

Criado pelo escocês Arthur Doyle (1859-1930), há mais de cem anos, Sherlock Holmes é um daqueles casos em que a criatura se sobrepôs ao criador, pois de tão real que pareciam ser suas histórias, muitas pessoas acreditavam ser ele mais do que personagem e que vivia realmente em Londres.

Ele nos ensina, através de sua profissão - a de detetive - e de sua inteligência aguçada, que para solucionarmos problemas temos que caminhar sobre três aspectos principais, que podem ser transpostos para nossa vida cotidiana.

A observação dos fatos: sendo estes também protagonistas em nossas vidas, devemos estar atentos a eles, principalmente nos pequenos detalhes.

A dedução: após observar e analisar os fatos devemos deduzir sobre as questões mais relevantes procurando formular uma solução.

O conhecimento, por fim, é o mais importante dos aspectos em nossas vidas: Devemos conhecer a fundo as coisas que nos envolvem para, quando solicitados, podermos ajudar com clareza de raciocínio e emitirmos soluções sensatas e corretas.

Portanto, devemos estar atentos aos princípios da observação, dedução e conhecimento dos fatos em nosso cotidiano. Viveremos felizes e em paz. Com certeza ajudaremos mais as pessoas e a nós mesmos.

Como sugestão, os livros iniciais de Arthur Doyle, apresentando Sherlock Holmes, traduzidos para o português, trazem o que há de melhor em histórias de detetives, seu universo psicológico, seus ensinamentos através dos casos e o que é melhor, uma diversão através da leitura.

E escolher entre ação e/ou mistério, Sherlock Holmes diria:
-“É elementar meu caro Watson!”.

EXTRATIVISMO (NATURALMENTE) HUMANO

O seringal deixou de ser exclusivo da floresta amazônica e se expandiu para todo o país. Concretamente extrai-se dele um leite que é o sustento financeiro de seus agregados (homens, mulheres, crianças) e, acima de tudo, o sentido exato do que seja preservação.

Planta-se a seringueira e cuida-se dela com total zelo que podemos afirmar: na natureza (e claro, o Homem nela inserido) a preservação ao que dá leite é instintiva e natural.

Tão natural que, até hoje, podemos lembrar da história de Rômulo e Remo, que na mitologia romana foram os gêmeos (filhos do deus Marte e Réia) abandonados e posteriormente encontrados e retirados de um rio por uma loba. Este animal os alimentou com seu leite até o crescimento. Diz à lenda que Rômulo, na idade adulta, foi o fundador de um povoado, dando-o seu próprio nome. Nascia, então, Roma em 753 a.C.

Isso tudo me parece um tanto insosso, mas me permito brincar um pouco com coisa séria, senão vejamos.

Vem-me à mente que o leite da seringueira está relacionado com um tipo de extrativismo vegetal. E entre a loba, Rômulo e Remo, qual tipo? Deixo à vontade para formularem suas próprias questões.

O que quero falar é sobre outra vertente e também relacionado ao leite, mas um tipo muito especial de leite. Ousarei chamar esta vertente de Extrativismo Naturalmente Humano; claro que sem a conotação comercial, financeira, mas, sim, elevando-o ao mais alto na beleza que o ato impõe.

É que do primeiro ao oitavo dia de todo mês de Agosto, em todo mundo, tem-se a Semana Mundial da Amamentação Natural - aleitamento materno - onde todas as pessoas engajadas nas boas maneiras planejam suas ações para orientação e manejos da amamentação natural.

Já está mais do que provado que o Leite Materno é capaz de evitar, com seu uso sistemático e prolongado, o aparecimento de doenças graves nos bebês, entre elas a pneumonia e diarreia, diminuindo consideravelmente a desnutrição e a mortalidade infantil; promovendo, assim, a saúde na sua plenitude.

Os bebês têm a necessidade do Leite Materno e as mães têm o dever de amamentá-los, no entanto, cabe a nós, profissionais e formadores de opinião (a sociedade como um todo), dar condições e suporte para que as mães tenham sempre uma melhor orientação. Não faltam, em Votuporanga, profissionais capacitados para esta orientação.

Sorvendo o leite da mãe, o bebê extrai não só o alimento natural para seu sustento físico, como também o amor e o afeto que o ato de amamentar traduz.

Portanto, convido a todos para que, na Semana Mundial da Amamentação, possam colaborar efetivamente com o assunto, dando ênfase total às qualidades do Leite Materno. E que não fique somente nesta semana, pois como disse acima, a preservação ao que dá leite tem que ser instintiva e natural. Nossas mães e nossos bebês merecem e com certeza agradecem!

FILOSOFIA DA ALEGRIA, VIVA O JECA BRASILEIRO

Em recente passagem pelo Brasil para divulgação de suas obras, André Conte-Sponville, filósofo francês da atualidade, concedeu entrevista a uma revista de circulação semanal onde comentava sobre sua filosofia da alegria.

Diz ele: *“Se você busca a alegria contínua e soberana, ou mesmo a ausência total de sofrimento e angústia, certamente nunca será feliz”*, e quando perguntado como que a filosofia poderia colaborar com a busca da felicidade, comentou: *“filosofar é pensar na vida e viver seu pensamento, e em que medida isso pode nos aproximar da felicidade? Ficando mais perto da verdade, nós nos libertamos das várias ilusões e esperanças tolas. Isso nos ajuda a amar a vida mais do que amar a felicidade, a verdade mais do que a fantasia...”*.

Claro que em alguns aspectos isso tem certa lógica, pois em se tratando de buscar a felicidade cada um tem sua receita e tenta-se passá-la adiante. E isso me traz à lembrança de um verdadeiro mestre na arte da alegria e sempre, de acordo com sua história, procurando ficar ao lado das verdades.

Amácio Mazzaropi (1912-1981), nascido de pai italiano e mãe portuguesa, foi dessas figuras que marcaram a vida de várias gerações. Simples no modo de agir e pensar, introduziu um personagem de si mesmo para contemplar de alegria e entretenimento os palcos de circos, teatros e televisão e inaugurou um modo diferente de se fazer cinema no Brasil, que lhe rendeu toda a fama merecida.

Mais do que “palhaço”, no início de sua carreira ele desenvolveu sua própria personalidade dentro daquilo que mais gostava, a natureza simples do lugar que nasceu e viveu. Tanto que popularizou o emblemático “Jeca”.

Mazzaropi gostava de dizer que sua profissão era: caipira; que suas fitas eram para fazer o público aflorar seus sentimentos, a

maior parte das vezes rindo, mas também chorando em algumas partes dramáticas, que ele fazia tão bem. Queria, e conseguiu ser ele mesmo, tanto que sempre se apresentou com seu verdadeiro nome para imortalizar-se na sua inovação. Seguidores dessa premissa, talvez somente um: Ronald Golias (genial como Mazzaropi).

Alegria, felicidade plena, claro que isso não encontraremos na sua totalidade aqui na Terra, mas se ficarmos sempre ao lado da verdade, sem ilusões e sem esperanças tolas, como disse o filósofo Sponville, teremos mais motivos para enaltecer nossas vidas e sermos felizes e muito mais motivos ainda para entender quanto importante foi para nós brasileiros a passagem de Amácio Mazzaropi por esta vida.

“Quero morrer vendo uma porção de gente rindo em volta de mim”.
Amácio Mazzaropi em entrevista à revista Veja, 1970.

Nota: Deixo minha sugestão para que todos possam rever filmes de Mazzaropi. Além de lembrar este artista brasileiro, teremos a oportunidade de reunir toda a família para momentos de verdadeira alegria. Acesse também: www.museumazzaropi.com.br

GRANDES TALENTOS, PEQUENAS COINCIDÊNCIAS

O Brasil de hoje, por seu tamanho continental, atrai os olhos do mundo à sua gente e ao seu desenvolvimento. Só que não é de agora que produzimos talentos; e todos ainda são venerados por sua grandeza e importância. Podemos citar: Osvaldo Cruz, Zerbini, César Lattes, Santos Dumont, Rui Barbosa, Noel Rosa, Villa-Lobos, Jobim, Castro Alves, Machado de Assis, Drummond. Chega?!

Os Estados Unidos, assim como toda Europa, nos legaram também muitos frutos de sua arte e cultura e nossos gênios brasileiros sempre foram acolhidos com respeito e admiração nesses países.

A *política de boa vizinhança*, a propósito, desencadeada pelos Estados Unidos, tornou-se mais intensa durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e isso, de certo modo, veio favorecer nossos talentos e com isso divulgar o nosso país ao mundo. Nesta ocasião, aconteceram dois fatos que podemos rememorar.

Já famoso no exterior, o brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959), gênio da música popular e erudita, maestro, criador das famosas Bachianas Brasileiras, foi solicitado por seu amigo americano, o também famoso maestro Leopold Stokowski (1882-1977) a marcar um encontro de músicos para gravação de canções brasileiras em sua passagem pelo país, junto com sua orquestra, a bordo do navio USS Uruguay em 1940. Villa-Lobos reuniu, então, todas as vertentes da época; de Pixinguinha (1897-1973) a Cartola (1908-1980), passando por Jararaca (1896-1977) e Ratinho (1896-1972), a noite de gravação durou mais de oito horas e daí surgiu um dos mais refinados discos onde, de uma só tacada, todos os mestres tiveram sua oportunidade. O disco de nome “Native Brazilian Music”, na época, foi lançado somente nos Estados Unidos e com muito sucesso. De mais de quarenta músicas gravadas, existem poucos fonogramas originais hoje.

Posteriormente mais viagens foram feitas e o segundo fato a rememorar foi que, trazido por americanos, chegou ao Brasil o tão popular chiclete sendo que em 1945 surgiu o “*Ping-Pong*”, da Kibon. O chiclete como vemos hoje, apareceu em 1872 através do americano Thomas Adams Junior (1818-1905), que adotou uma resina mascada por seu vizinho, um capitão mexicano exilado em Nova York. Esta resina veio do sul do México, cultivadas por índios que a retiravam de uma árvore de nome Chicle. Por questões monetárias, hoje os chicletes são feitos de derivados do petróleo (até quando também não sabemos!).

Por isso que, quando revemos a história, fica claro que os brasileiros não podem ficar nestas discussões baratas de imperialismo pra cá, imperialismo pra lá, contra os americanos, pois nós também somos reverenciados pelo mundo afora. Somos muito criativos e o intercâmbio cultural, artístico, científico e tudo o mais, serve de aprimoramento e riqueza para todas as gerações. Veja que Villa-Lobos foi convocado a concretizar aquela reunião histórica no navio da marinha americana USS Uruguay e a partir dali outros fatos e encontros se tornaram possíveis.

Coincidência ou não, antes morei numa casa situada na Rua Heitor Villa-Lobos (São Bernardo do Campo) e hoje meu endereço é numa casa da Rua Uruguai (Votuporanga) e tanto lá quanto cá, “*puxa, puxa-que-puxa*” às vezes piso num danado de um chiclete!

Nota: <https://museuvillalobos.museus.gov.br/> e baixar canções do “Native em <https://www.youtube.com/watch?v=SGka7WUYjt0>

IMAGINAÇÃO E SENSIBILIDADE

Lançado recentemente pela Coleção Folha de S.Paulo – Grandes Escritores Brasileiros - o livro “Para Viver um Grande Amor” de Vinícius de Moraes é um apanhado de crônicas e poemas do autor na sua fase áurea de sensibilidade.

A poesia é isto mesmo, uma viagem ao mundo da imaginação e sensibilidade, mais do que um raciocínio lógico das coisas. A literatura em si é a arte das palavras, sendo que a poesia tem destaque por ser abrangente e a mais antiga, juntamente com a música, das formas literárias. Definir poesia é um tanto quanto individual e nos dizeres de Garcia Lorca (1898-1936) “*todas as coisas têm seu mistério, e a poesia é o mistério que todas as coisas têm*”.

Tenho a impressão de que, por pelo menos uma vez, todos já tentamos escrever um poema e, claro, nele inserir toda a imaginação e sensibilidade, na busca de uma mensagem que chegasse concretamente a algum lugar ou pessoa. O coração sente, a boca fala e a mão escreve, daí surge o que se chama comunicação das palavras, melodiosamente agrupadas na poesia.

O próprio Vinícius de Moraes tinha seus métodos e como músico pode agregar a sonoridade das notas às palavras nos poemas e isso todos os poetas tentam, de certa maneira, concretizar.

Nestas palavras de “O Poeta”, “*olhos que recolhem/ só tristeza e adeus/ para que outros olhem/ com amor os seus./*”, Vinícius demonstra a natureza de quem escreve, pois o apelo sentimental num primeiro momento é o que deverá fortalecer de pensamentos bons a quem lê. Esta é a magia das palavras.

Ultimamente não vemos mais a distinta poesia ser devidamente valorizada. As cartas eram um grande pretexto para todos poderem ser e revelar o poeta que o habita; mas, com relação às cartas, tudo está se acabando nas telas do correio eletrônico.

“*Com as lágrimas do tempo/ e a cal do meu dia/ eu fiz o cimento/ da minha poesia./*”, assim Vinícius de Moraes iniciou seu poema

“Poética” revelando o desejo de que pudessem usufruir de seus versos eternamente e estimular as pessoas a ler e escrever também.

Convido a todos para uma leitura, rápida que seja, de qualquer poema e autor de sua preferência; e segundo T.S.Eliot (1888-1965) *“aprendemos o que é poesia lendo poesia”*.

Nota: lembrando também que a poesia no Brasil foi introduzida pelo grande missionário jesuíta José de Anchieta.

JARIB E AS “IMPRESSÕES SOBRE JESUS”

Dentre os cinco sentidos que envolvem a máquina humana, não poderia haver um que se sobressaísse; no entanto a visão é o que, no meu modo de entender, traz inúmeras formas de interpretação e sensibilidade para nós.

Os olhos funcionam buscando, na luminosidade, os substratos para interpretar e definir as imagens e, através de vários caminhos, poderem direcionar as nossas atitudes. Mas também, de olhos fechados ou na impossibilidade de enxergar por algum motivo, podemos interpretar a vida (ver, não olhar) com o coração, imaginando apenas. Isto é uma verdade!

Seguindo este contexto, um livro muito interessante nos mostra esta vivência, onde o autor transcreve, através dos pensamentos e almas de determinados personagens, suas existências.

“Impressões sobre Jesus”, de Denis McBride (Editora Santuário), é um livro bastante curioso, pois relata histórias de personagens próximos a Jesus nos seus momentos derradeiros, contadas por eles mesmos numa suposição do autor; histórias essas baseadas em fatos relatados e escritos no novo testamento. Daí que vejo a motivação para interpretar (ver, não olhar) a vida por uma ótica de pessoas, somente pelos relatos de suas vidas. Por isso que o autor não necessariamente precisasse enxergar para ver e interpretar a vida.

O livro segue cheio de curiosidades, indagações, sobre vários ângulos de uma mesma história – a de Jesus preso e crucificado – contada, por exemplo, por Simão (o fariseu), Marta, um agente secreto, Nicodemos, Caifás, Pôncio Pilatos, Judas Iscariotes e outros.

Denis McBride, o autor desse livro, é um religioso, especialista em Novo Testamento e escrituras, e uma das histórias

curiosas é a que foi contada, na visão dele, autor, pelo considerado “o bom ladrão”, aquele que ficou ao lado de Jesus, na crucificação.

Jarib, que amava Mirian e que tinha filhos, “ficava com os coletores de impostos, protegendo-os de bandidos, e roubava o dinheiro das pessoas” entregando para rebeldes, naquela época, para lutar pela liberdade de todos. Ele não podia relatar tal fato a Mirian, mas no fundo a amava muito e sabia que poderia ser preso e condenado. Assim aconteceu e ao lado de Jesus pode testemunhar àqueles derradeiros momentos de sofrimento, vendo que ali estava mais que um inocente, ali estava o Salvador. Pediu clemência, não aos soldados. Pediu clemência a Jesus. Neste momento, vê Miriam e os filhos indo embora. E Jesus entrega sua vida e seu coração ao Pai. Vale a pena ler, com calma, todos os relatos do livro.

Portanto, a visão que queremos ter como melhor, é a visão que o coração nos mostra. Ver a vida, não somente olhar.

Deixo um poema sobre esta sensibilidade visual e coração, de Fernando Pessoa, que se chama *Autopsicografia*: “O poeta é um fingidor./Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/A dor que deveras sente./E os que leem o que escreve,/Na dor lida sentem bem,/Não as duas que ele teve,/Mas só a que eles não têm./E assim nas calbas de roda/Gira a entreter a razão,/Esse comboio de corda/Que se chama coração”.

“JESUS NÃO TEM DENTES NO PAÍS DOS BANGUELAS”

Parecendo mais uma oração de terço bizantino, a letra que dá nome a música “*Jesus não tem dentes no país dos banguelas*”, da banda Titãs, fica numa repetição incessante, desta única frase, como de propósito, chamando a uma reflexão profunda de quem a ouve, nos moldes do famoso provérbio “água mole em pedra dura...”; só que no caso em questão é para termos sempre em mente que somos ungidos à semelhança de Jesus, seja qual for a maneira de nos apresentarmos esteticamente.

Também fica evidente na frase, bem humorada por sinal e não usando o caráter pejorativo, que devemos olhar para as pessoas pensando que não importa o que elas têm ou deixam de ter, mas sim o que são; não importando também o local em que nasceram ou vivem. Claro que, em sendo uma banda brasileira, também podemos vincular a letra à realidade do nosso país, onde a saúde bucal ainda não é uma prioridade. Pode e deve vir a ser também.

Se imaginarmos que até o século passado eram os barbeiros que realizavam as extrações dentárias – eram os antigos “sangradores”, cirurgiões pouco instruídos que realizavam pequenas cirurgias sem muita importância, além de cortar barba e cabelo – e que a cultura da higienização da boca não era levada tão a sério, perceberemos que ainda falta-nos muita educação a despeito de toda tecnologia existente hoje.

Já se ouvia falar, antes mesmo da era cristã, sobre a limpeza dos dentes com pano rústico, depois mascar gravetos e por aí vai. Por volta do século quinze, na China, é que começou a esboçar uma possível escova de dentes, confeccionada com madeira e pelos.

No entanto, foi na Inglaterra, no século dezoito, que foi aperfeiçoada a escova, feita com pedaço de osso com furos preenchidos com pelos de porco-espinho. Migrando da Europa

para os Estados Unidos, a escova de dentes ganhou fios de nylon a partir de 1938. Hoje temos até escova elétrica.

Banguela “*é um indivíduo desdentado, cuja arcada dentária tem falhas*” e que na maioria das vezes é por deterioração dos dentes por falta de escovação, levando ao amolecimento natural ou sua extração. Isto provoca uma alteração na saúde e, principalmente, na autoestima do sujeito. A origem do nome Banguela, segundo Márcio Bueno, no seu livro “*A origem curiosa das palavras*”, é o nome da cidade de Benguela, localizada em Angola, continente africano. Nesta cidade, a população tinha o hábito de serrar os dentes centrais das crianças, todos os oito incisivos, até o fim!

Então subtraindo da música dos *Titãs* toda a lógica estrutural das palavras, a frase “*Jesus não tem dentes no país dos banguelas*” coloca diante de nós uma única lição e verdade: somos semelhantes a Jesus, não importa a forma física, pois Ele é cada um de nós.

LÁ SE VÃO SÍMBOLOS GLORIOSOS

Muito provavelmente a professora não esperava por essa, já que estava para terminar a aula: numa interpelação aos alunos sobre a natureza e ação das vitaminas ouviu de um deles que ele estava com a perna DURA por causa de Cálcio.

O aluno estava com a perna imobilizada por gesso, já que havia fraturado após uma queda de bicicleta.

A professora então, estranhando a intervenção do aluno, explicou que o Cálcio, realmente, é essencial para fortalecer os ossos não só das pernas, mas de todo o corpo; no entanto, se houve a fratura é porque o osso pode estar fraco, conseqüentemente falta-lhe Cálcio. Sabidamente, ela notou que ele também estava certo. Sua perna estava dura sim e pelo gesso.

É interessante observar que esta pequena história nos revela curiosidades. Tanto a professora, quanto o aluno, naquele momento tinham algo em comum, como explicaria posteriormente a mestra.

O Cálcio, como vitamina, está presente em vários alimentos como legumes, verduras, laticínios etc., mas na natureza também o encontramos sob a forma de Sulfato de Cálcio nos gessos (de ortopedia) e no giz escolar. Daí o algo em comum entre a professora e aluno ao qual me referi.

No entanto, este algo em comum pode estar com os dias contados, pois a cada dia surgem artefatos que levarão em pouco tempo o quadro negro (que agora é verde) para ser apenas peça de museu e com ele o giz escolar; símbolos gloriosos de uma profissão também gloriosa. Ficarão em nós somente a latência da observação, saudades e só...

Deus queira que não consigam inventar o substituto do professor (apesar de já estarem tentando), pois quem mais poderia,

gostosamente, a partir de uma situação banal, associar o Cálcio das vitaminas, com o gesso na perna fraturada e o giz em sua mão?

“LARANJA MECÂNICA E A ZONA VERMELHA”

Laranja Mecânica. Agressividade, recuo em massa quando surpreendidos, jovens com determinação e comandados por um líder de estilo único para sua época...

Não! Não estou me referindo ao filme de Stanley Kubrick (1928-1999), dos anos 70, que por sinal vale ser revisto, mas sim da brilhante equipe de futebol holandesa de 1974: “o carrossel holandês”, “a laranja mecânica”!

A Holanda, país civilizado, de primeiro mundo, um dos maiores IDHs (Índice de Desenvolvimento Humano) do planeta, passou a ter um reconhecimento maior a partir de então. O país de dimensões modestas (cabe umas duzentas Holandas no Brasil) se desenvolveu lindamente, preservando suas paisagens exuberantes, seus castelos e moinhos à la “Dom Quixote”. Quando se depara com planícies cobertas de tulipas, aí entendemos uma Holanda de sonhos!

A partir dos portos de Roterdã e Amsterdã, dos mais importantes do mundo, construiu-se um país de intenso desenvolvimento econômico e cultural.

Amsterdã, sua capital, é bonita, charmosa e, com seus muitos canais substituindo ruas, convida o turista a um passeio obrigatório, de barco, pelos bairros. Bairros que guardam histórias, segredos e curiosidades.

Curiosidade esta, foi mostrada em recente documentário pelo SBT Repórter sobre a Holanda. Um desses bairros centrais da capital é denominado de “Red Zone” (Zona Vermelha), por abrigar o maior shopping do sexo que se tem notícia. Um bairro inteiro!

Lá, através de ruas estreitas, vielas, num verdadeiro labirinto grego, são expostas, em vitrines, as garotas de programa, feitas manequins vivas. Ficam gesticulando a espera dos clientes, na maioria turistas curiosos.

Provavelmente, se for fazer um censo, muitas garotas são de outros países, mas não deixa de ser curiosa essa forma de se vender amor e sexo. Mais sexo que amor. Na romântica e liberal Amsterdã, este fato nos revela os contrastes que há também nos países de primeiro mundo. Mas deixemos como uma curiosidade holandesa apenas.

Pois amor mesmo definiu nosso Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) em seu livro “Amar se aprende amando”:

*“O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.”*

LEMBRANÇAS DE UM LUSO-BRASILEIRO

Se doce é a vida, no mínimo estamos cultivando belos pensamentos e harmonizando com açúcar a nossa velha e boa companheira natureza.

Agora, deixando metáforas à parte, nunca se propagou tanto uma palavra nos últimos tempos como açúcar, cana-de-açúcar e afins, mas que não devemos esquecer que este assunto é tão antigo que, no mínimo, tem vários capítulos interessantes de nossa história.

Foi por causa de nosso açúcar que em 1624 os holandeses, que fundaram a Companhia das Índias Ocidentais, invadiram a Bahia no intuito de conquistar os mercados produtores do nordeste brasileiro, para tentar manter o comércio deste produto na Europa. Após 01(um) ano de resistência, o Brasil conseguiu expulsar o holandeses de nossas terras e manter assim a hegemonia na produção e comercialização do açúcar, mas ainda sob os domínios de Portugal.

Nesta época da invasão holandesa, já vivia em nosso país, um jovem imigrante português, que junto com sua família, presenciou todo o suplício causado pelos holandeses. Morando em Salvador, Bahia, então com dezesseis anos, Antônio Vieira, já se destacava por sua inteligência e bondade.

Educado em colégio Jesuíta, manifestou o desejo de entrar para a ordem “Companhia de Jesus”, mas teve voto contrário da família. Para lograr êxito fugiu de casa e foi acolhido prontamente pelo reitor da ordem jesuítica.

Assim foi sendo forjada a vida de Padre Antônio Vieira, que do noviciato até a ordenação clerical, mostrou-se uma pessoa ímpar na condução de conflitos e preocupação com as pessoas, principalmente com as aldeias indígenas.

Tinha o dom da palavra, e filósofo que era não foi difícil ter aceitação por parte dos dirigentes da igreja e também da corte de Portugal. Foi surgindo daí uma das mais belas obras já deixadas, no universo da literatura: “*Os Sermões*” composto de 18 volumes.

Narrando toda uma história, de muitos percalços, Padre Antônio Vieira se debruça nos mais difíceis temas para a época, como perseguição aos judeus e aos cristãos novos, a escravidão de negros africanos e no Brasil, escravidão de índios, corrupção. Temas espinhosos que lhe valeram a perseguição pela Inquisição – foi condenado à prisão inclusive.

Sua importância se dá tanto por seu modo pessoal de viver como por sua obra e com isso foi um dos poucos a fazer história ao mesmo tempo no Brasil e em Portugal.

Relembremos “*Os Sermões*” de Padre Antônio Vieira. Aqui um trecho muito interessante do Sermão do bom ladrão, proferido em 1655:

“Não são só ladrões – diz o Santo – os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhe colher as roupas; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou os governos das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os pobres. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo de seu risco, estes sem temor nem perigo...”

Padre Antônio Vieira, figura marcante, nasceu em Lisboa no ano de 1608 e faleceu em Salvador no ano de 1697. E essa história começou com o açúcar, lá longe...longe...!

MINAS, PÃO-DE-QUEIJO E OUTRAS HISTÓRIAS.

Minas Gerais, apesar do plural no seu nome, é um Estado singular. Na minha época de estudante de graduação superior, em Juiz de Fora, vislumbrava as montanhas como algo belo e ao mesmo tempo desafiador.

O sobe e desce de ladeiras e mais ladeiras, a pé, era um processo extenuante que, com o tempo, virou uma rotina cultural. Imensos casarões antigos, igrejas com seus vitrais, fábricas de tecelagem construídas no século 19, espaços públicos amplos, davam o tom aos nossos olhos.

Sem falar da culinária mineira, que é um dos pontos altos para “fiscar” os apreciadores de uma comida simples e deliciosa – que o diga o pão-de-queijo! Também tem algumas coisas estranhas como, por exemplo, utilizar leite para acompanhar as refeições. A gente aprende e acaba gostando.

Agora, para nós paulistas, estranho e curioso era poder ver, andando a pé pelas ruas do centro da cidade, em patrulhamento, sempre em duplas, distintos cidadãos devidamente fardados.

Eram policiais militares e também, posteriormente, membros da guarda civil municipal que tinham a incumbência de monitorar mais ostensivamente os locais estratégicos, ficando próximos da população, dando a ela uma sensação de maior segurança.

A afinidade que se constrói, quando amigos formam duplas para um mesmo tipo de trabalho, é uma das virtudes que tinha esse projeto, com os policiais, nas cidades mineiras e que por isso perdura até os dias de hoje. A proximidade com o público dava, também aos policiais, uma maior empatia e com isso a motivação para o trabalho se tornava real.

As duplas, que eram muitas, tinham na retaguarda viaturas estacionadas, mas como disse anteriormente, era muito curioso vê-

los “passear” – em Minas a calçada é chamada de passeio – sempre com as mãos para trás.

Não sei o porquê, mas todos os chamavam de “*Cosme e Damião*” e assim ficou. Creio que Votuporanga poderia iniciar esse projeto, com formação de uma guarda civil municipal, orientada por policiais militares. Com isso cria-se uma possibilidade a mais de segurança para a população, além de gerar novos empregos. Formaremos novos “*Cosmes e Damiões*”, assim como em cidades mineiras.

Nota: Lembremos que em 27 de setembro comemora-se o dia de São Cosme e Damião, gêmeos, que viveram no século terceiro após Cristo, estudaram medicina e exerceram a profissão sempre sem cobrar nada das pessoas. Eles apadrinham as Faculdades de Medicina, Farmacêuticos e Barbeiros.

MÚSICA CLÁSSICA, O ROCK E O CINEMA CONTEMPORÂNEO

Em “*Homem de Ferro – o filme*” quando o vilão, que ao mesmo tempo é o traidor de uma amizade, arranca do peito da vítima, o que seria sua proteção para manter-se vivo, e diz: “*Stark, isto é tão importante e complexo para você como a Nona Sinfonia de Beethoven. Você está liquidado?*”, torna-se imperativo submetermos às comparações inevitáveis, por exemplo, do diálogo, das cenas, da música.

Dentre muitas coisas boas, o filme traz uma trilha sonora excelente para a ação que se passa, e quem já ultrapassou a casa dos quarenta anos vai se lembrar, com certeza. Trata-se de músicas da banda inglesa Black Sabbath (do lendário vocalista Ozzy Osbourne) e somente no final do filme é executada a música-título “Iron Man”.

Mas o que tem a ver Beethoven (1770-1827) e Black Sabbath?! Tem a ver que, foi muito feliz a referência que o diretor do filme fez, pois muitas bandas de pop-rock enveredaram, a partir dos anos 1960, por caminhos que originaram o movimento chamado de rock progressivo. Iniciado principalmente na Inglaterra, este movimento tinha nas músicas clássicas a inspiração para a composição das melodias, harmonias associadas ao estilo rock. Desta linha surgiram Pink Floyd, Led Zepellin, Yes, Queen, o próprio Black Sabbath, que compunham suas músicas com introduções longas e temas únicos para várias letras.

Acho importante que os jovens possam também ouvir músicas clássicas para entender o porquê dos bons conjuntos musicais terem surgido inspirando-se nelas. Pode-se ter aí um claro dilema - *situação embaraçosa com duas saídas difíceis ou penosas - dicionário Aurélio* -mas o que seria da Humanidade se não houvesse dilema? Recentemente outra produção também usou este tema de música clássica com rock para mostrar a história de um pequeno gênio abandonado em um orfanato, que tenta através da música

reencontrar seus pais. “*A música está em todo lugar, no vento, no ar, na luz; basta você se abrir e ouvir*”. Trata-se do filme “*O Som do Coração*”.

Coincidência ou não, assim como a maioria das bandas de rock progressivo, o “*Homem de Ferro*” também surgiu na década de 1960, mais precisamente em 1963 e como todo bom super-herói corria dentro de si as contradições que o dilema permite ter, qual seja, neste caso, a produção de armas poderosas e ao mesmo tempo a proteção do mundo contra elas.

Portanto estas dobradinhas, música clássica-rock e produção de armas-proteção do mundo, caminham juntas neste filme “*Homem de Ferro*” da Marvel, que nos mostra que sempre é tempo de rever nossas atitudes e mudá-las se algo não vai bem. A renovação das coisas e a alegria de viver também se dão pela arte. Nós não precisamos entender de nada, precisamos é gostar das coisas!

Nota: Sugestões as músicas de Beethoven em
<https://www.beethoven-playon.com/playlists> e os filmes
“O Som do Coração”, “O Homem de Ferro”.

NAS ABELHAS, O SENTIDO DA COLETIVIDADE

O trabalho coletivo, não é de hoje, sustenta as maiores certezas da sociedade, certeza esta que o prof. Dr René Mendes tratou do assunto em “*Patologia do Trabalho*”, onde os componentes de uma boa saúde, agregados à coletividade, proporcionam uma diminuição acentuada de, por exemplo, acidentes profissionais.

Coletividade está por toda à parte, começando em nossa casa e passando por diversas atividades como trabalho coletivo em restaurantes, escolas, esportes; sendo que cada membro desenvolve uma pequena parcela do que lhe é proposto e quando somadas tornam-se gigantes.

Assim é a mensagem central do filme de animação “*Bee Movie – a história de uma abelha*”. A começar pela estratégia utilizada da computação gráfica, do colorido genial e do cenário – nada menos do que o Central Park de Nova Iorque, Estados Unidos.

As abelhas têm uma importância fundamental na natureza, já que realizam, além da produção de mel, a polinização das plantas e frutos. Trabalho este desenvolvido coletivamente. É interessante também ver, no filme, que há uma preocupação constante em mostrar uma necessidade de se preservar todos os que fazem parte da natureza, ou seja, o Homem, a fauna e a flora.

Assim também foi o sentido da formação de Votuporanga, desde sua fundação até os dias atuais. Trabalho coletivo, de abelhas; pessoas desbravando terras para um futuro promissor; famílias chegando para somar, para inserir em suas vidas o pólen do progresso e da história.

Quem nos mostrou isto, e de forma perfeita, foi Jorge Xavier, o Jorginho da Cultura, com o seu livro recém-lançado “*Votuporanga – Além da sua História*”. Como um trabalho de uma abelha, incessante, conseguiu resgatar a memória de “nossa” cidade em todos os seus aspectos. Ao ler o livro, temos a certeza de que

todos que fizeram e estão fazendo a história de Votuporanga, tiveram um envolvimento emocional muito intenso com a cidade. Cada qual um pouquinho e hoje se tornou a Votuporanga de todos.

Nota: Assistir ao filme “Bee Movie” e leitura do livro “Votuporanga – Além da sua História”.

NOSSA TERRA E A FESTA DAS NAÇÕES

“Terra, Terra, por mais distante o errante navegante, quem jamais te esqueceria”? Com estas palavras, Caetano Veloso, introduz o termo Terra a vários significados – planetários, humanos, algo palpável ou abstrato – em sua música de mesmo nome.

Mas para muita gente, esta música está associada, já alguns anos, a um programa da TV Cultura SP, onde se discute o nosso planeta. Tem-se a visão da Terra do alto, linda, azul!

Visão que se pode ver em imagens de satélite e na sua aproximação vai se descortinando todos os continentes com suas nações; nações que estão grudadas umas nas outras e que às vezes dão um espaço para o banho merecido nos mares e rios abundantes.

E quanto mais se aproximam estas imagens, feito zoom, veremos os estados, cidades, até chegar a nós, seus filhos: a população.

Deveríamos ser todos livres, nações livres, respeitar os outros, mas isto nem sempre acontece. Vamos chegar lá? Sim, somos melhores a cada dia!

As ligações afetivas e de amor entre os povos são, na verdade, aquilo que de mais profundo pode estabelecer a paz. Já vimos que a proximidade territorial ou política deixa a desejar neste aspecto – a conquista da paz.

As colônias, quando em prol do amor se unem, fazem belíssimas festas à filantropia, ao exercício da paz; assim é a Festa das Nações em Votuporanga, realizada recentemente. Todos engajados – o poder público, as entidades assistenciais, a população – para buscar recursos aos trabalhos desenvolvidos junto à população mais necessitada.

É uma grata satisfação observar que durante os festejos, meninos e meninas adentrando à mocidade, passam em nossas

mesas servindo simpatia e às vezes apreensão, no sentido de quê tudo tem que dar certo.

Estando ali vemos uma aula de cidadania, onde todos se juntam para o mesmo fim e todos se tornam iguais. Neste ano, apenas um fato passou despercebido à organização. É que, dentre as bandeiras das nações expostas em um painel, no palco do salão, apenas e tão somente a Bandeira do Brasil estava, uma parte dela, desgarrada, desgrudada do pano, tornando-a uma espécie de “patinho feio” em meio às outras. Mas no próximo ano, tenho certeza, será providenciado um lugar de destaque a ela.

E por falar em bandeira, neste mês de outubro é lembrado mais um ano de falecimento de Manuel Bandeira (1886-1968) escritor, cronista, poeta, que juntamente com Mário e Oswald de Andrade, Clarice Lispector e muitos outros, iniciaram a fase modernista da literatura no Brasil. E quem não se lembra?! *“Vou-me embora pra Pasárgada/Lá sou amigo do rei/Lá tenho a mulher que eu quero/Na cama que escolherei/*

O IDEALISMO COMO FONTE INSPIRADORA

O idealismo, corrente filosófica que, em linhas gerais, tenta reduzir o Ser ao pensamento ou a alguma entidade de ordem subjetiva e propõe que a “finalidade da arte é a representação fictícia de algo que será mais satisfatório para o espírito do que a realidade objetiva”.

Nessa onda, os românticos são os próprios idealistas, pois, idealizam a tudo e a todos. Criam na imaginação a mulher ideal, fantasiam situações que os tornam inebriados pela satisfação do Eu interior.

Todas as rodas de bate-papo, provavelmente, têm um quê de ideal também; claro que nem sempre românticas, mas com tendência a angariar frutos ao espírito com assuntos diversos e muitos até contrários ao materialismo em si. Portanto, todos nós, de certo modo, aprimoramos nosso idealismo a cada instante.

Baseado então no assunto idealismo e romantismo, temos um exemplo interessante, onde um fato levou ao outro. O escritor russo Boris Pasternak tornou-se célebre mundialmente após escrever o livro *“Dr Jivago”*, sendo até hoje um best-seller da literatura mundial.

O personagem principal do livro, Dr Jivago, era um médico idealista por natureza, pois, a despeito da guerra ao seu redor, ele imaginava (idealizava) poder solucionar as agruras das pessoas com seu trabalho, seu amor e sua vocação, trazendo-lhe alegria e paz ao seu Eu. Colocava sua profissão acima de suas ambições.

Este livro, devido ao sucesso, teve sua versão cinematográfica e o filme trouxe à luz dos tempos uma trilha sonora belíssima, que embalou muitos casais românticos e continua até hoje. A música chama-se *“Tema de Lara”* e sua composição temática nos mostra uma harmonia singela, porém inesquecível.

Assim sendo, com o idealista “*Dr Jivago*” e a romântica “*Tema de Lara*” podemos concluir que somos todos, em partes, adeptos ao idealismo, onde uma boa história e uma boa música (tanto nas rodas de bate-papo quanto nas artes) são capazes de nos direcionar para a satisfação e o bem estar do nosso espírito e do nosso Eu.

*Nota: Livro Dr Jivago, pela Editora Record, e para ouvir “Tema de Lara” e outras preciosidades do passado procurem no site:
<https://www.youtube.com.br>*

O SANFONEIRO QUE JÁ NASCEU GRANDE

O corpo humano é prodigioso nos seus detalhes para que, na somatória geral, tudo possa funcionar bem.

E se durante o desenvolvimento da célula, desde a primeira, até chegar ao que somos hoje, alguma coisa se desviar do caminho natural, teremos então uma alteração que poderá ser visível ou não, ao nascimento.

O albinismo é uma doença hereditária, onde existe a falta de uma substância natural (*melanina*) que dá cor a pele, aos cabelos e a íris (*área arredondada e colorida dos olhos*). A maioria das pessoas albinas tem alterações visuais, propiciando certa cegueira.

Quando, em maio de 1930, em Itabaiana (PB), dona Abdólia, deu à luz a mais um filho do “seo” Zé Oliveira, ela não se assustou, pois já tinha outros filhos com o problema; apenas vislumbrava uma vida de dificuldades e, como mãe, ela sabia dos preconceitos que o rebento seria submetido.

Infância difícil. O garoto albino escapou dos trabalhos na lavoura com o pai, devido sua condição de não poder ficar ao sol. Ficava sempre à sombra das árvores, aprimorando outros sentidos; a visão era fraca.

Gostava muito de música, diferentemente de outros irmãos, e já com nove anos ganhou sua primeira sanfona. Autodidata, compunha e tocava músicas com alegria.

Então, já na adolescência, Severino Dias de Oliveira tornou-se *Sivuca* (1930-2006), que a despeito de sua condição de albino e contra todos os preconceitos, veio a ser, ao longo de sua vida, um dos maiores músicos e instrumentistas, sabendo dominar como ninguém, seu instrumento, a sanfona. *Sivuca* foi autoridade na música instrumental tanto brasileira quanto estrangeira, já que ganhou muitos prêmios internacionais também.

Dons naturais são colocados diante e para nós, como medidas de sustentação humana contra qualquer preconceito. Já pensou se *Sivuca* não tivesse o dom da música e habilidade nas mãos juntamente com a generosidade, intuição divina e vontade para seguir adiante? O que seria desse albino?!

Somos todos iguais na essência, com ou sem alteração hereditária, negro ou branco, de qualquer raça ou credo, no entanto muita gente ainda segue por aí negando esta igualdade, embalsamado que está seu coração.

Esta igualdade fica clara quando Milton Nascimento, outro que venceu todos os preconceitos possíveis com seus dons e que foi também amigo e compositor de algumas músicas gravadas por *Sivuca*, nos diz, na canção “Em nome do Deus”, do álbum Missa dos Quilombos, definindo de vez o assunto da igualdade: “... **[agradeço] em nome do Pai, que faz de toda carne, a preta e a branca, vermelhas no sangue**”.

Nota: Lembrar Sivuca em
https://www.instagram.com/severino_sivuca/

O TEMPO QUE NOS ESPERE

Se você: *“considerar o não fazer nada um desperdício, dirigir muitas vezes em velocidade acima do permitido, interromper os outros e concluir suas frases, ficar impaciente em reuniões quando alguém se afasta do tema principal, ficar impaciente quando o atendimento em loja ou restaurante demora, achar menos capazes aqueles que falam, agem ou decidem mais lentamente entre outros requisitos”*, saiba que, segundo Lothar J. Seiwert, no seu livro *“Se Tiver Pressa, Ande Devagar”*, você está com indícios da *“Doença da Pressa”*.

E isso, atualmente é pura verdade mesmo, já que numa ou noutra fala que se desenvolve nas rodas de bate-papo o assunto de que o tempo “voa” é motivo de muitos minutos de conversa e tentativas de achar sua causa.

Uma das causas para que nós pensemos de que o tempo está passando muito rápido é a ansiedade; doença moderna que não está respeitando mais idade, sexo, cor, condição social e etc., e precursora da tal *Doença da Pressa*. Esta, entre outras, traz muitos sintomas, principalmente na esfera do coração, podendo até ocasionar infarto.

Quanto mais ficamos velhos, mais informações vão sendo guardadas em nossa memória e com isso nossa vida vai ficando mais automatizada, quer dizer, para um assunto em que nós já dominamos ou pelo menos que já tomamos ciência, nós passamos ao largo dele, sem muito esforço de pensar; torna-se assim uma coisa rotineira, automatizada como já disse. Daí também a rotina ser uma das causas da nossa percepção de que o tempo passa rapidamente.

Muitos estudos dão conta disso e as análises psicológicas das coisas nem sempre são satisfatórias, porém é de importância que saibamos como melhorar nossa vida para desacelerar o que está acelerado. Fórmulas infalíveis não existem, mas em matéria de viver bem, todos são unânimes em afirmar que a simplicidade nas coisas que trazemos ao nosso convívio é a melhor maneira de não nos

complicarmos no dia a dia. Observar mais a natureza, ter momentos de diálogo e leitura na família, diminuir a presença da televisão, computador e celular também ajudará na busca dessa desaceleração do tempo.

Esta semana tive dois bons motivos para esta reflexão e análise, vindos da arte da música. Vendo um vídeo-clip de uma banda até então desconhecida para mim, de nome “Snow Patrol” (formada na Escócia, por jovens irlandeses – isso mesmo!-, em 1994), a música de nome “Open Your Eyes” me chamou a atenção pela linda melodia e letra; e o vídeo, muito bem realizado, mostrava um veículo “às pressas” (a câmera colocada à frente é o olho do espectador) pelas ruas estreitas de uma metrópole, passando por sinais vermelhos de trânsito, por cima de calçada e era como se todos ao redor parassem para que pudesse chegar ao encontro marcado, na hora exata. Vídeo-clip perfeito e vale a pena vê-lo

E por outro lado, em nossa querida Votuporanga um outro evento nos fez relembrar as boas coisas da vida e ficamos como que parados no tempo a usufruir daqueles momentos de alegria e emoção, que foi o show do artista Peninha, em homenagem às mães; vimos ali à tranquilidade das pessoas chegando, se acomodando, sem pressa (fugindo da rotina!); as músicas fluindo e ninguém preocupado com o tempo... Que beleza!

Portanto, o tempo que nos espere!

Nota: Quem tiver curiosidade para ver o vídeo-clip é só acessar www.youtube.com.br e procurar por Snow Patrol/ open your eyes.

OLHO MÁGICO

Assuntos sobre adolescentes não faltam, como também não faltam opiniões sobre condutas e soluções à eles.

Por exemplo, recentemente, aqui mesmo neste *Diário*, em oportuno artigo, a psicóloga Rosely Eleutério teceu comentários sobre gravidez na adolescência, e dessa vez os comentários foram voltados para o lado do pai adolescente; despreparado e muitas vezes desaparelhado. Excelente reflexão.

Os adolescentes, de um modo geral, vivem de solavancos, quer dizer, é uma dúvida atrás da outra; alternância de felicidade com vazio interior; e com isso vão sendo impulsionados para a vida adulta.

São esses solavancos que dão sentido ao filme “*Cloverfield – o monstro*”, recém-lançado no Brasil e que está sendo exibido no cine Votuporanga. Tem todos os ingredientes do cotidiano adolescente, qual seja, festa, romance, agitação, aventura, perigo.

Fui ver o filme, junto com meu filho adolescente, e confesso que me surpreendeu em vários aspectos. A começar pelos atores serem todos desconhecidos e isso deu maior realismo a proposta dos diretores, já que é através de uma câmera filmadora portátil, manuseada por um adolescente, que o filme é realizado e contado. O monstro é um detalhe que aterroriza; no entanto a câmera vai funcionando como os olhos do espectador e toda a ação vai num crescendo, tomando conta de quem assiste também.

Às vezes há interrupções abruptas para logo em seguida retomar o fio daquela realidade a ser contada. E isso num ritmo alucinante!

Transportando para a vida dos adolescentes, em geral, é assim que acontece. As coisas aparecem de uma vez; vão embora de uma vez. Aparece a primeira “espinha” e a infância, cadê? Foi embora. Aparece a primeira inscrição para o vestibular e a adolescência, cadê? Foi embora.

Assim como no filme, a saída para o fortalecimento dos jovens adolescentes seria o trabalho também. Aliado aos estudos, a atividade laborativa traz a maturidade necessária para adentrar ao mundo dos adultos mais otimistas, com personalidade e segurança.

O filme é cheio de suspense e surpresas. Talvez muitos não gostarão do final, mas vale a pena conferir, porque dá margem a muita discussão, o que é saudável. Fez-me lembrar de uma música de Tim Maia onde ele dizia: “... *até parece que foi sonho meu. Parece que foi sonho meu!*”.

Para os protagonistas adolescentes do filme, bem que poderia ter sido um sonho.

“OMNIBUS”

Vira e mexe defrontamos com notícias e situações que, à luz da razão, nos envergonham de tanto individualismo; perene em nossa sociedade no mais alto grau de insensatez. Não convém, aqui, enumerá-las. Muitos analistas especializados já o fazem.

Contrariamente ao individual temos o lado coletivo, que *“compreende ou abrange muitas pessoas ou coisas”*, e nisso também o ser humano, em especial o brasileiro, tem a grata satisfação de se destacar. Vemos que o termo coletivo, coletividade, se populariza a cada dia, principalmente na medida em que queremos e podemos melhorar nossas vidas nos doando em benefício do próximo.

Quando se diz popular (*relativo às pessoas como um todo*) e coletivo, temos exemplos curiosos em nosso país. No ano de 1837, uma revolta popular, maioria de escravos na Bahia, liderados por um médico, Francisco Sabino, no período da regência de D. Pedro II, deu origem a *Sabinada*, que no fundo queria acabar com a opressão política e os desmandos do governo, na época, tentando separar-se do modo governante vigente.

Nesse mesmo ano, de 1837, chegava ao Brasil, importado da França, o nosso primeiro modelo de ônibus, puxados por animais (burros). Logo em seguida, em 1838, foi fundada no Rio de Janeiro a primeira fábrica deste tipo de locomoção, que já na Europa, principalmente na França onde foi inventado, era o maior sucesso.

O nome ônibus vem do termo *“omnibus”* que significa *“para todos”* e por isso é um dos meios de transporte mais democráticos e mais utilizados pelas pessoas. Popularizou-se rapidamente em nosso país, fazendo com que o Brasil seja o maior fabricante de ônibus nos dias de hoje.

Nelson Rodrigues (1912-1980), figura excepcional na dramaturgia brasileira, na sua enorme coleção de *“A vida como ela é”* deu um destaque tremendo a esta forma de transporte coletivo, quando escreveu um texto que posteriormente foi adaptado ao

cinema com o sucesso já esperado: *A dama do loteação*, de 1978, estrelado por Sônia Braga. O filme é interessante, além de outras coisas, pois são muitas histórias dentro de uma; vale a pena revê-lo.

Portanto, a história nos defronta dois exemplos de popular e coletivo. *A Sabinada* ficou nos livros, mas o ônibus permanece vivo e forte. Para todos!

ONDE ESTÁ O MENINO DO DEDO VERDE?

Enquanto por aqui as brisas são suaves, em muitos outros lugares a climatologia se vê em pé-de-guerra com as mudanças radicais; e os fatores que determinam as previsões do tempo e clima ocasionam, com isso, algumas falhas.

A bem da verdade, esse interesse pelas coisas do tempo, clima, atmosfera e etc., já vem desde as antigas civilizações, passando pela idade média, renascimento, e aqui abro um parêntese para destacar Copérnico (1473-1543) com sua teoria de que a Terra girava em torno do sol, brilhantemente exposta e aceita depois por todos, e Leonardo da Vinci (1452-1519) inventor do primeiro Higrômetro, para medição da umidade do ar.

A partir dessas duas figuras, Copérnico e da Vinci, foi-se moldando várias formas e instrumentos adequados para previsões e medições climáticas, pois tudo que se refere ao tempo mexe e influencia a vida de todos nós e, portanto, o avanço nessas questões se tornava necessário.

Segundo o que sabemos, a partir do século dezenove é que se iniciaram as previsões do tempo, baseadas em cartas climáticas, com informações vindas de várias partes do mundo. Antes o que se dispunha era a intuição, os ditados populares, o senso comum, os ventos, as nuvens, e as previsões eram feitas através das observações e crenças.

Até podemos imaginar aquela história onde dois compadres estavam observando o horizonte cheio de nuvens bem carregadas, prenunciando uma tremenda de uma tempestade e tranquilos comentavam: o primeiro, “depois da tempestade vem a bonança” e o segundo, mais realista dizia “depois da tempestade vem a... gripe”. Ou tragédia.

Apesar das previsões atualmente terem antecedência de vários dias, semanas ou até meses, às vezes elas não chegam

adequadamente a muitos lugares, devido à escassez de recursos técnicos, ou devido às próprias dificuldades das pessoas em entender as coisas que lhes são passadas. Têm muitos trabalhos de campo que relacionam climatologia e sociologia neste particular. E aqui tem uma pequena história que ilustra bem isso.

Os Bauls são trovadores místicos, de um país asiático, fazendo parte da cultura rural. “Suas músicas influenciadas pela seita tântrica hindu” são consideradas Obras-primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco. Eles são mambembes, vão de região em região levando sua arte.

Sem nenhuma orientação e aviso, nesta semana que passou, alguns grupos de Bauls foram “varridos”, assim como milhares de outras pessoas, pelo ciclone Sidr. O país é Bangladesh.

E unindo forças, as nações tentarão ajudar às vítimas sobreviventes neste momento difícil; ficam também as nossas orações e a certeza de que *“o menino do dedo verde”* passará por lá.

OS BALÕES QUE SOBEM... E DESCEM!

Ao escrever este artigo ainda não sei o desfecho do caso do pároco Adelir de Carli, da cidade de Paranaguá (PR), desaparecido recentemente em alto mar, após iniciar uma “aventura voadora” suspenso por mil balões de aniversário, cheios de gás hélio.

Este gás, considerado um gás nobre, não participa de reações químicas; não é inflamável, é o segundo elemento mais encontrado no universo, atrás apenas do hidrogênio. Mesmo assim, existe pouca quantidade na atmosfera terrestre. Hoje, as maiores reservas de hélio são encontradas nos Estados Unidos.

Devido o som se propagar muito mais rápido no gás hélio, cerca de três vezes o valor no ar normal, as pessoas fazem uma brincadeira perigosa que é inspirar o gás e depois emitir sons. Estes sairão muito finos (distorção da voz) e rápidos. Não é aconselhável este tipo de atitude, pois a pessoa poderá sofrer uma insuficiência respiratória aguda por sufocamento, já que o gás hélio desloca completamente o oxigênio dos pulmões.

Sendo mais leve que o ar, é largamente usado no enchimento de dirigíveis e balões... Balões que o padre Adelir imaginou como suficientes para sua aventura em bater recorde de voo solo.

Estas histórias de aventuras sem muita prudência, sem ouvir conselhos, por exemplo, faz-nos lembrar de Júlio Verne (1828-1905) com o seu *“A Volta ao Mundo em Oitenta Dias”* e Daniel Defoe (1660-1731), autor de *“Robinson Crusoe”*.

Nestes dois livros, especificamente, seus autores vão em busca de aventuras pegando carona nas palavras, pensamentos, e quem sabe flanando na agudeza de suas almas, sem arriscarem, um mínimo que seja, suas próprias vidas.

É curioso que em épocas tão distintas estes autores tenham logrado realizar tão belas histórias; mensagens de superação na adversidade e reconhecimento, ainda que tardia, da culpa em

aventurar-se sem os devidos cuidados, ou apenas pelo prazer da liberdade sonhada.

Assim, dando valor merecido à prudência - “*qualidade de quem age com moderação, cautela, sensatez*” - vamos em busca da nossa felicidade por esse mundo afora sem esquecer que as provas que nos são apresentadas, justamente as são para que possamos justificar nossa condição de Ser pensantes, não aventureiros pura e simplesmente.

Nota: Atualizando - o padre Adelir Antônio de Carli, conhecido como o padre do Balão, infelizmente veio a falecer nesta aventura. Parte do corpo estava em alto mar na altura da cidade de Macaé (RJ).

OS MENINOS-SOLDADOS NA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

O que Uzodinma Iweala e Ishmael Beah têm em comum? Além de nomes não tão comuns aos nossos ouvidos (e aqui abro um parêntese para parabenizar a repórter Ester Alkimin, deste *Diário*, pela excelente reportagem “Identidade excêntrica”), são também escritores africanos atuais que traduzem, em palavras, os problemas e as preocupações do continente negro.

Em recente artigo (Buraco negro, Folha de S.Paulo, 09/09/2007) Uzodinma Iweala, nigeriano, observa que *“de algum tempo para cá, oprimido pelo sentimento de culpa pela crise humanitária que provocou no Oriente Médio, o Ocidente vem se voltando para África, para buscar sua redenção”*.

Permeando palavras às vezes gentis e outras um tanto ácidas, ele retoma um tema interessante, qual seja, a de que os povos, mesmo os da África, têm capacidade para alcançar um crescimento por conta própria, necessitando apenas o reconhecimento de outras nações sobre isso; que façam políticas de parcerias para que esse crescimento se desenvolva e se concretize.

Por aqui, em nosso “mundo” é o que desejamos fazer com relação ao voluntariado. As pessoas com maiores dificuldades necessitam de parcerias para poderem realizar seus objetivos. Oferecer um prato de comida é essencial, mas orientar atividades que busquem lograr crescimento da pessoa em sua comunidade é grandioso.

Assim é que surgiu Ishmael Beah, africano de Serra Leoa. Hoje um jovem de vinte e poucos anos que foi resgatado pela UNICEF de uma situação difícil e desumana, em que seu país, em constante guerra civil, está mergulhado.

Ele foi um dos meninos-soldados da África. Existem mais de trezentos mil nestas condições atualmente, empunhando armas tanto nas frentes dos rebeldes revolucionários quanto nas tropas

governistas que, segundo Ishmael, dá no mesmo. A diferença, conforme seus relatos, é que os rebeldes revolucionários mutilam os meninos quando alguma coisa dá errado!

Os meninos-soldados passam por uma intensa “lavagem cerebral” descaracterizando por completo suas personalidades e ambições. Estão lá sem saber o porquê nem como, sem direito a nada; talvez apenas renunciar as suas vidas de meninos-adolescentes e lutar como meninos-soldados.

O agora jovem Ishmael Beah lançou seu livro no Brasil, intitulado *“Muito longe de casa – Memórias de um menino-soldado”*, onde tenta passar à frente como foi a sobrevivência e seu resgate para uma nova vida - claro que daquilo que ficou em suas lembranças. Hoje como voluntário, tenta colaborar com órgãos internacionais para que crianças africanas sejam resgatadas da miséria. Todos precisam de parcerias; o voluntariado em qualquer obra filantrópica é um excelente começo.

Nota: Quem desejar conhecer como é a condição de meninos-soldados fica a sugestão de ler o livro de Ishmael Beah e assistir ao filme “Diamante de Sangue”.

PECADOS E VIRTUDES

Coitado do Bicho-preguiça! Por ter um metabolismo (transformações que as substâncias químicas sofrem dentro do organismo) muito lento, seus movimentos também são extremamente lentos, derivando daí o apelido jocoso: preguiça.

Na natureza, alguns animais, tomam essa atitude como que para preservar suas energias por longos períodos e utilizá-las quando necessário.

Já para os seres humanos, a preguiça (não o animal), pode gerar também o sentimento da inveja, já que o preguiçoso pode julgar-se incapaz de conseguir seus desejos, culpando, assim, os outros pelas suas dificuldades de realização.

Sendo um dos sete pecados capitais, a preguiça, que por definição pode ser entendida como um desleixo, morosidade, moleza e que leva a uma ociosidade da pessoa, pode ter causa orgânica ou psíquica.

Na área psíquica, segundo estudos e definições de psicólogos, um preguiçoso *“apresenta-se sem resistência moral e psicológica para desafios impostos pela vida, buscando justificativas externas para sua falta de ação”*.

Normalmente as pessoas imaginam que quando falamos em preguiça estamos nos referindo à preguiça física somente, e não é bem assim. Relaciona-se também a preguiça de agir, sentir e pensar.

Aversão ao trabalho é uma premissa do preguiçoso e quando trabalha parece cumprir sempre um ato de parasitismo ao tentar desempenhar suas funções; no entanto apesar da “preguiça em trabalhar, eles têm aquele apetite para um dinheirinho”.

Assim como os sete pecados capitais (arrogância, inveja, ira, preguiça, avareza, gula, luxúria), existem as sete virtudes humanas (castidade, generosidade, temperança, diligência, paciência, caridade, humildade), que protegem as pessoas contra as tentações desses vícios.

A que se opõe à preguiça é a chamada diligência que conceituando seria a *“virtude humana de seguir um objetivo de vida, conquista ou qualquer tipo de princípio, por meios convencionais, até chegar ao fim desse objetivo”*.

Sejamos, então, diligentes em nossa vida, com bravura. A nossa família, a nossa cidade, precisa da nossa força, das conquistas vindas do esforço de cada um.

Não nos atolemos em pensamentos vãos ou na inércia das lamentações. Vamos agir, pensar, sentir, trabalhar.

Diligência sim, preguiça não!

“PICUÁ NA CACUNDA”

Nesta onda de sucesso em nova reapresentação, “*Pantanal*”, a novela, pode ser considerada um fator de triunfo do povo pantaneiro; simples e modesto este povo se perde no imenso patrimônio histórico que é a região do pantanal sul mato-grossense.

Bem longe dali, no interior de Minas, uma história se passou na moda de “tocar” boiada em comitiva, como no pantanal. Esta história está no conto “*O Burrinho Pedrês*” e faz parte do livro “*Sagarana*” (1937), de João Guimarães Rosa (1908-1967).

Mineiro, Guimarães Rosa (também autor de “*Grande sertão: veredas*”) foi o escritor que soube divulgar como ninguém o regionalismo brasileiro, com suas falas, costumes, credences; e com “*Sagarana*” mostrou-se um mestre nos contos regionais.

Em o “*Burrinho Pedrês*”, uma comitiva irá conduzir uma boiada para outras terras e um burrinho, o Sete-de-ouros (referência ao naipe do baralho) é recrutado também para as tarefas da montaria, quer dizer, levar no lombo os vaqueiros e mantimentos.

Protagonizando a história, este burrinho será o que chamamos de “grand finale”, onde a síntese de toda a caminhada e sua volta está, segundo Guimarães Rosa, na personificação da experiência, prudência e paciência que devemos ter diante dos conflitos e dificuldades. O autor do conto coloca sempre em questão o dito popular dos mineiros, de que “*não adianta lutar contra a correnteza, se o que se quer é a travessia*”.

E nisso se passaram vários personagens, mostrando um pouco do que são as pessoas do interior mineiro, e o Sete-de-ouros, o burrinho-gente (expressão usada pelos estudiosos de Guimarães Rosa) volta solitário; triunfante sobre todas as coisas erradas do caminho.

O retrato desse regionalismo, com seu povo humilde e hospitaleiro, ainda existe, graças a Deus e pude constatar recentemente, numa reportagem sobre a cidade de Gonçalves-MG;

localizada na Serra da Mantiqueira, fazendo divisa com Estado de S.Paulo.

No alto da serra, de clima temperado, esta cidade de pouco mais de 1.500 habitantes (!) vive o esplendor que a natureza proporciona: tranquilidade, ar puro, só produtos orgânicos (quer dizer, sem agrotóxicos) e muitas, muitas Araucárias (pinheiro-do-paraná); os repórteres encontraram o produtor da maioria dessas Araucárias, e que lá é conhecido como o “Rei do Pinhão” (pinhão que é a semente da fruta pinha).

Aliás, o casal, de mais de sessenta anos... de casamento! vive numa harmonia de dar gosto e após muitas histórias sobre a vida deles foi perguntado como que eles traziam as frutas para retirada do pinhão para as vendas. Mais que depressa a senhora respondeu: *“Enchu um Picuá i colócu na cacunda i vênhu”*.

Emociona a escola natural de Guimarães Rosa!

Nota: picuá=sacola grande; cacunda= derivação de corcunda (relativo à parte de cima das costas); e leiam “Sagarana”, de Guimarães Rosa, Ed.Nova Fronteira.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM?

Prestando bem atenção, os pequenos acontecimentos do dia-a-dia fazem-nos refletir sobre para onde estamos indo com nossa perturbação geral, desastrados pela correria e angustiados por não ver o tempo passar.

Um desses acontecimentos acaba de se dar em nossa Votuporanga, e gerou algumas reportagens, aqui mesmo, neste *Diário*.

Trata-se da volta da sonorização do relógio da matriz, que nos traz uma nostalgia gostosa e inebriante e reafirma que existe ali algo da engenhosidade humana, mostrando-nos o passar das horas, sendo uma referência para nosso cotidiano. Houve tanto aprovação quanto desaprovação pelo ato da volta das badaladas.

Mas o que quero refletir é que, ao mesmo tempo em que prestamos atenção no relógio, vemos nele a certeza da modernidade; a modernidade que nos envolve e nos escraviza.

O relógio, como marcador de tempo, travou uma batalha de pelo menos oito séculos com os sinos para ocupar o seu lugar. E venceu.

Os sinos, do latim *signus* (sinal) eram os gritos, um sinal, na era medieval, e do alto das torres das igrejas enchia de sons tudo ao redor, dos vilarejos aos campos, convidando a todos para a contemplação e preces, e não só orientar o tempo. Sons para todas as festividades e acontecimentos meritórios de divulgação. Era o caminhar de toda a cristandade.

Feitos de cobre e estanho, alguns até com camadas de prata e ouro, os sinos surgiram no século quinto, na China, e invadiram toda a civilização ocidental, fazendo aparecer também o sineiro; na época, um faz-tudo dentro da igreja.

E com o decorrer dos anos e com o próprio desenvolvimento aumentaram as necessidades da labuta diária e para alguns pareceu que os braços do sineiro não eram adequados

para dar conta e então se criou o mecanismo do relógio - em torno do ano de 1200. Coube aos alemães serem os precursores do relógio moderno.

E na volúpia da busca da precisão, chegou-se até aos nossos pulsos e o que é pior, a tortura do despertador!

Atualmente o bimbalar dos sinos está em poucas torres de igrejas, daí esta minha observação quando do reinício da sonorização do relógio da matriz, aqui em Votuporanga, que está belo por sinal.

Prece e orações no mundo contemplativo dos sinos. Precisão, exatidão e exigência no mundo ativo dos relógios. Pensem um pouco nisso.

E nos pequenos acontecimentos surgem nossas grandezas; dentro de nossas almas, os sentimentos.

RELÓGIO

*Na parede espreita a sala,
Mórbida e solitária.
Trabalhando os dias quentes
Direciona no espaço
O espaço entre Sol e Lua.
Tic-tacs incansáveis
Ressoam no tempo esgotável
De seudestino.
Recebe, às vezes, olhares ora
Apressados, ora impacientes,
Ora indignados, que
Sintonizam o tempo
No tempo.
O relógio é o coração do tempo.*

Nota: A respeito do título desta crônica, tomei emprestado de um livro de Ernest Hemingway de 1940 equestornou filme em 1943. E quem tiver vontade em novamente ouvir sons de sinos e até tocar um carrilhão virtual acesse: www.sinos.cousinha.pt

PORQUE NÃO UMA FLIV?

Neste início de julho, realizou-se em Parati-RJ, a quinta edição da FLIP (Festa Literária Internacional de Parati), que este ano homenageou Nelson Rodrigues, expoente da dramaturgia brasileira.

Realmente é uma festa literária, pois, girando em torno de livros, estão outros eventos paralelos que trazem sempre perspectiva de maiores conhecimentos e diversão.

Misturam-se, num mesmo local, lançamentos literários de várias correntes e gêneros, em meio a teatros de rua, performances individuais, gastronomia, músicas; dons artísticos dos mais variados se apresentam em tendas montadas especialmente para o evento.

Muitos escritores famosos passam pelas tendas ministrando palestras e oficinas literárias aos visitantes, levando uma integração interessante do autor e personagens com os leitores; aliás, o público em geral.

Este ano, lançando um de seus livros, estava o escritor israelense Amós Oz, que concedeu entrevista à *“Folha de S.Paulo”*, onde foi questionado a responder o porquê dele se considerar um escritor ingênuo, já que ele havia feito tal afirmação em outras passagens.

Disse ele, então: *“uma pessoa ingênua é mais rica; ela vê mais, aproveita mais e também é uma amante melhor. Quem ganha o tempo todo esquece de viver”*.

Sábias palavras, pois segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, ingênuo é *“que ou aquele que é simples, franco, sincero, puro, nascido livre”*. Tem como sinônimos bonachão, simplório, inexperiente.

Portanto, seguindo a premissa de Amós Oz, concluímos que é uma injustiça este termo ser tão usado como algo pejorativo quando dirigido a alguém; deveria e deve ser o contrário, pois a palavra *“ingênuo”* sintetiza a nossa busca ao que de mais honesto e

sincero exista dentro de nós. Ingenuidade não tem nada a ver com ignorância ou como se diz, um pobre coitado.

Querem um exemplo de ingênuo, misturado com simplório e bonachão e além de tudo nos faz rir?

Vão correndo, então, assistir ao filme “*As férias de Mr. Bean*” antes que termine sua exibição no cine Votuporanga. Uma comédia sensacional, para toda a família, onde Mr. Bean, personagem criado pelo excelente ator inglês Rowan Atkison, através de sua postura ingênua aos nossos olhos, consegue seu objetivo final vencendo todos os percalços por que passa.

Por ser franco, sincero, puro, simples (ingênuo afinal) Mr. Bean consegue a atenção das pessoas mesmo pronunciando poucas palavras, fazendo-se valer apenas de suas feições e trejeitos. Vale a pena conferir.

Conclusões à parte, tanto o escritor Amós Oz quanto Mr. Bean trazem suas riquezas bem perto de nós e com certeza eles estão no melhor caminho que traçaram.

Tantos outros temas são oferecidos durante a FLIP. Os debates em torno da arte de uma maneira geral são calorosos e quem sabe em breve poderemos ter a nossa FLIV (Festa Literária de Votuporanga). Por que não?

Nota: Atualizando: a FLIP (Parati-RJ) está na 18ª edição e FLIV (Votuporanga) iniciou sua 1ª edição em 2010.

“RATATOUILLE” E O SISTEMA LÍMBICO

O Sistema Límbico, região central e intermediária do cérebro, é uma área responsável, principalmente, por nossas emoções, sensações de prazer e memória.

Para ter bom funcionamento, requer que estejamos em total equilíbrio com a produção de alguns hormônios; e isso se consegue com um bom sono, relaxamento e treinamento da massa cinzenta.

Puxar pela memória é uma tarefa ingrata, porém altamente revigorante, pois, dependendo do que pensamos nos vem à tona toda uma gama de emoções e sensações que, na maioria das vezes, são muito boas por sinal.

Assim também é com alguns tipos de comida, que ao sentirmos seu sabor, nos remete à lembrança de nossa família e, claro, de nossa mãe – a melhor cozinheira do mundo! – com doçura e amor, preparando nosso alimento. Inesquecível!

É lógico que tem o outro lado da moeda; muitos não têm mãe ou não têm alimentos. Sim, isto é um fato; que também aciona nosso Sistema Límbico.

Todos estes ingredientes constatei esta semana ao assistir no cine Votuporanga, com minha família, o filme de animação “*Ratatouille*”, que, sem dúvida, irá abocanhar muitos prêmios.

Este filme – uma fábula de animação - nos mostra que vale a pena perseverar e apostar na sensibilidade, já que, entre ratos e humanos (esta é a mágica da animação!), conta-se uma história de amor à arte de cozinhar, recheada de talento individual e coletivo.

A mistura de classes, a mistura entre ricos e pobres, a união familiar, um romance principiante, enfim, todos estes temas caminham juntos, ao longo do filme, para um bem comum, cujo lema é: “que todos podem cozinhar”, bastando seguir sua sensibilidade e... surpreender!

Em animação pode-se tudo, inclusive um “rato”, sensível e especializado em sabores, em se tornando chef de cozinha em restaurante francês, dar um show de amor ao próximo, talento e tolerância às diferenças, destruindo todo e qualquer preconceito. Brilhantemente este *“Ratatouille”* simboliza a busca da arte pela arte, e de algum modo, somos representados neste filme por algum personagem. Tenho certeza que haverá possibilidade de sermos melhores em nossas vidas.

Inverossímil, sensível, cômico, dramático. É assim o desenrolar de todo o filme e é assim que todos poderão confirmar, ou não, o bom funcionamento de seu Sistema Límbico.

RECORDAÇÕES DE SOLFERINO

Contrastando com as belas paisagens de seu país, o então jovem suíço Henri Dunant (1828-1910) deparou-se com uma frente de batalha, nos idos de 1859, no norte da Itália. Conhecida como Batalha de Solferino, uma sangrenta luta que dizimava e inutilizava muitas pessoas, entre militares e civis (como sempre), e que por total deficiência, não havia o socorro necessário aos feridos. Neste contexto, este jovem conseguiu sobreviver e a partir das “*recordações de Solferino*” lançou bases para formação de uma ajuda humanitária aos feridos de guerra e catástrofes.

Sobre o manto de princípios como *humanidade, imparcialidade, neutralidade, independência, voluntariado, unidade e universalidade*, o jovem Henri Dunant e alguns de seus amigos, reuniram-se em 1863 e criaram a Cruz Vermelha, órgão internacional de ajuda humanitária aos feridos de guerra, sendo ratificada sua criação pelo Tratado de Genebra, em 1864. No mês de maio, mais precisamente no dia 08, comemora-se o Dia Internacional da Cruz Vermelha em homenagem ao dia do nascimento de Henri Dunant, seu idealizador e criador.

Fazer referências à Cruz Vermelha é, como se diz, chover no molhado. Merece a nossa atenção e admiração, não só pela assistência que presta, mas também por disseminar as diretrizes para mais de 170 países; no Brasil, sua criação foi em dezembro de 1908 e seu primeiro presidente foi o Dr Osvaldo Cruz.

Eu até fico pensando que, despojados de interesses maiores, os cuidadores desta empreitada, que são os voluntários da Cruz Vermelha, devem ter seu lado de sublimação, ponderando, diante do sofrimento alheio, as perspectivas de sua própria missão: a de purificar sua alma através da ajuda que, em um dado momento, é imprescindível; principalmente em áreas de conflitos.

Existem muitos relatos de pessoas atingidas, feridas brutalmente nestes conflitos pelo mundo afora, que passam pela

experiência de quase-morte (EQM) e que, quando voltam a viver por assim dizer, têm uma sintonia e empatia com os voluntários e por isso não deixa de ser extraordinária a missão da Cruz Vermelha.

É interessante que algum tempo atrás um filme fez muito sucesso devido, não só a referência que fez à Cruz Vermelha, por intermédio de uma personagem que atuava em missão na América do Sul e mostrava, em partes, as condições de trabalho dos voluntários, como também sobre um percurso aos assuntos das sensações superiores que envolvem nossa mente e corpo, como no ato da sublimação, a que me referi anteriormente. O nome do filme é “*O Mistério da Libélula*” de 2002.

Resta alguma dúvida sobre o sucesso e a importância da Cruz Vermelha no mundo? Peguemos então, cada um de seus princípios e busquemos a paz, que segundo Henri Dunant, o criador da Cruz Vermelha, “*estimular a noção de solidariedade para o bem entre as nações é combater a guerra*”.

REDES DE DORMIR

“A rede entre duas mangueiras balançava no mundo profundo. / O dia era quente, / sem vento. / O sol lá em cima, / as folhas no meio, / o dia era quente. / E como eu não tinha nada que fazer / vivia namorando as pernas morenas da lavadeira /”.

Este é um pequeno trecho do poema *“Iniciação amorosa”*, quase centenário, do magnífico escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), em que a rede é o objeto principal que se interpõe na história a ser contada em versos.

Rede de dormir, portanto, está por toda a parte, já que culturalmente ela nos envolve de formas diversas.

A rede foi batizada no Brasil por Pero Vaz de Caminha, que sem perguntar aos nativos já foi logo dizendo o nome, pois para ele seria muito semelhante com a rede de pescar. E assim ficou. Na Europa, onde era bastante difundida, chamavam-na de “Imaca” ou “Maca” que significaria cama improvisada.

Aqui no Brasil, como os imigrantes europeus se firmaram mais no Sul e Sudeste, a rede foi ganhando espaço no dia-a-dia dessa população, mas devido ao clima mais frio ela, aos poucos, foi migrando para as regiões mais quentes. É bem verdade que a história da rede de dormir, por aqui, tem também seu lado curioso; como por exemplo, na Casa Grande as camas eram somente para compor o mobiliário, já que todos dormiam em redes; por outro lado os escravos não conseguiam, apesar das amas insistirem para que, pelo menos, as escravas gestantes descansassem nessas redes.

Multicoloridas, as redes são objetos de apreciação multicultural e, sendo uma forma de descanso, muitos estudos lhe dão caráter terapêutico.

Consegue-se descansar nas redes? É claro que sim e é sabido que muito da longevidade pode ser atribuída às redes de dormir, posto que elas ensejam uma infinidade de outras funções. Já reparou que ao seu redor sempre tem uma sombra, ou uma varanda,

ou jardins, ou árvores e que isto tudo funciona como relaxante natural?

Também podemos reunir a família em torno delas, tanto para uma aproximação, quanto para uma conversa. Balançando ao som de seu rangido, na rede pode-se deixar o coração viajar na plenitude do pensamento.

Experimente ser um “nômade”.

Pegue uma rede de dormir, caminhe, estenda em algum lugar aprazível e observe... a natureza, o vento, o silêncio e ame tudo isso.

Um simples objeto, como rede de dormir, é capaz de nos transformar para melhor, partindo do princípio de que, assim como nós, seres humanos, cada objeto também tem sua origem e sua história.

Nota: Um estudo mais detalhado sobre as origens da rede de dormir pode ser encontrado em “Rede de dormir – uma pesquisa etnográfica de Luiz Câmara Cascudo (1898-1986) Funarte RJ / UFRN – Natal.

REGRAS DA VIDA

Não há e não pode ter meio-termo nesta coisa de seguir ou transgredir regras. Deve ser curto e grosso: ou segue ou transgride.

É certo também que regra, segundo o dicionário Houaiss, “*é aquilo que regula, rege, é um princípio, norma, aquilo que é determinado por força de lei ou pelo uso*”, e neste aspecto dou-lhes um exemplo didático.

No ano de 1999, pelo decreto federal 3024 de 12 de abril, o governo fixava em quarenta e nove o número de dias para serem exibidas obras cinematográficas brasileiras de longa-metragem nas salas de cinema e também fixava multa para o seu não cumprimento.

Podemos agora ficar meditando se, atualmente, esta regra, que é simples, é mais seguida ou transgredida.

“*Às vezes se transgride uma regra para colocar ordem nas coisas*”. Estas palavras foram ditas por um personagem do filme “*Regras da Vida*” – lançado naquele ano de 1999 – cuja filha lhe havia desferido um golpe com uma faca e que se tornaria fatal. Este é apenas um dos dramas que o filme retrata sempre com ênfase nas regras que assumimos na teoria e que transgredimos na vida pessoal. É assim com todos os personagens deste filme.

Várias feridas são abertas, de acordo com nosso entendimento e aparente intuição, quando assuntos como crianças abandonadas, paixões, traições, preconceitos, incesto (*relação sexual entre parentes dentro dos graus em que a lei, a moral ou religião proíbe o casamento*), aborto, são discutidos de forma direta e crua e em “*Regras da Vida*” – o filme – tudo vêm à tona, sem meias palavras. Psicologicamente será que nos preparamos para determinados assuntos, quando somos exigidos a tomar uma posição?

Regra é regra, e o filme tenta mostrar a todo instante que é possível contornar situações, com ou sem ela. No entanto, inexplicavelmente, a partir da metade em diante, esta bela produção, torna-se uma propaganda descarada a favor do aborto, mesmo

sendo ambientado entre os anos 1930-1940; tema difícil nos dias de hoje, que dirá no começo do século passado!

Nós temos a chance de viver o livre arbítrio, porém requer um mínimo de consciência para não atingir a liberdade dos outros. Temas difíceis e contraditórios devem ser debatidos no seio familiar, principalmente, e sempre no intuito de saber que regras existem para nos direcionar um caminho e que não devemos ser prisioneiros dos maus pensamentos. Elevemos o nosso nível dialogando na paz e nos bons costumes. Vale a pena ver o filme *“Regras da Vida”* para observarmos até onde vão nossas convicções.

SAN, LAUREN E O PARQUE DE DIVERSÕES

Uma frase curiosa me vem sempre à mente e me pego a refleti-la em várias situações: *“Criança é alguém que fica conosco por algum tempo e depois, desaparece para sempre no mundo dos adultos”*. Podemos tirar várias conclusões a seu respeito, a favor ou contra.

Sobre isso, outro dia, caiu em minhas mãos, um filme curioso. Com um roteiro simples, mas bem arquitetado; bela fotografia e trilha sonora espetacular, sobre experiências extraterrestres de como interceder em nós, humanos, de maneira que ficamos sem memória para determinados fatos. Muitas pessoas envolvidas e subordinadas ao plano inicial dos ETs estavam com dificuldades, pois algo estava dando errado. Crianças eram envolvidas na trama e seus pais perderiam a memória sobre elas. O filme em questão se chama *“Os esquecidos”* e foi apresentado também em cinema, em circuito comercial.

Pois bem. Sam e Lauren são as crianças protagonistas desse filme e que após ficarem por um tempo desaparecidas retornam ao cotidiano numa das cenas mais belas e emocionantes. Eles reaparecem em um parque de diversões, desses colocados em uma praça, felizes, e com muitas outras crianças ao seu redor, como se nada tivesse acontecido. E reencontram os olhos da mãe de Sam (a única a não esquecer a imagem do filho nas experiências dos ETs.).

Aí vem uma lembrança de nossa infância. O ser criança novamente.

O parque de diversão das praças ou em local específico para ele, motivo de orgulho das cidades, era um recanto de felicidade e convivência. Sem distinção, dava ao seu frequentador a condição igualitária de usufruir momentos prazerosos, travando e solidificando as amizades. As pessoas podiam sair um pouco de casa e conversar com vizinhos, amigos e divertirem juntos aos filhos, sobrinhos, amigos.

Pensando bem, sobre isso, a frase do início desta crônica pode estar certa: a criança está desaparecendo no mundo dos adultos!

Não vejo mais aqueles parquinhos de praças públicas, tão simples, mas de uma importância enorme para o emocional das crianças, para ajudar a construir seu caráter civilizado e fraterno. Alegria, diversão, amizade; isso tudo presente em um único local. O gira-gira, a gangorra, a trave, o globo... o zelador... os entes queridos à volta... Cadê? Não os vejo mais. Os que permanecem em pé estão vandalizados.

E outros tantos parques estão, de certo, à procura de uma praça. Seja no centro da cidade ou em bairros, mas estão à procura.

Nota: Sugestão para assistir o filme “Os esquecidos”.

SER HUMANO, SER URBANO

Segundo um preciosismo da nossa língua portuguesa, ser urbano é poder se achar dentro de um contexto, onde a cidade se torna a razão do convívio em sociedade; é nela, a cidade, que podemos ter lições de boas maneiras, civilizadas e onde se pratica o respeito aos direitos dos outros.

Urbanidade seria então uma espécie de cortesia aos cidadãos, tendo como ponto de referência as cidades; seu planejamento, controle e regulação seria, então, o urbanismo.

Faço este preâmbulo, para destacar que, alguns estudos da nossa literatura, colocam como o maior poeta com visão urbanística, o pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999), que considerava a poesia um instrumento de busca dos relacionamentos do homem consigo mesmo ou fazendo parte de um lugar.

Tal qual a cidade, ele planejava seus poemas; metrificava, ungia de palavras melodiosas, como um canto de sereia adentrando os ouvidos e pousando nos corações. A sonoridade – devido ao tipo de versos utilizados – era uma característica marcante na composição de toda sua obra, no entanto ela se tornaria mais conhecida por sua plasticidade, pelo seu visual no papel.

João Cabral de Melo Neto, conhecido como “engenheiro da palavra”, justamente por dar plasticidade e seguir com seus poemas a um horizonte urbano, compôs preciosidades como a mais conhecida de todas: *Morte e Vida Severina*.

Relata, neste épico, a história do retirante Severino, do sertão da Paraíba em direção a Recife onde irá passar por experiências difíceis na cidade grande – aqui presença concreta do urbanismo.

Portanto, neste dia 8 de novembro, dia Mundial do Urbanismo, relembremos João Cabral de Melo Neto, reverenciando sua singularidade poética urbana, num trecho de *Morte e Vida Severina*.

Trecho final: *"Severino retirante / deixa agora que lhe diga:/ eu não sei bem a resposta/da pergunta que fazia,/ se não vale mais saltar/ fora da ponta e da vida;/ nem conheço essa resposta,/ se quer mesmo que lhe diga./ É difícil defender,/ só com palavras, a vida,/ ainda mais quando ela é/ esta que vê, severina;/ mas se responder não pude/ à pergunta que fazia/ ela, a vida, respondeu/ com sua presença viva."*

“SINFONIA DE PARDAIS”

Já no início do século passado, mais precisamente na primeira década (1900-1910), a cidade do Rio de Janeiro, capital Federal, recebia a alcunha, o apelido, de *cidade febril* por conta das doenças que assolavam a população.

Variola, peste bubônica e febre amarela eram responsáveis por muitos óbitos e nesta condição o jovem médico Osvaldo Cruz, então com 30 anos, aceitou a missão de exterminar as doenças com todo seu conhecimento adquirido no Instituto Pasteur de Paris e seu labor.

No entanto foi motivo de chacota, gozação, o fato de ter criado o esquadrão antirratos e a “polícia de focos” contra os mosquitos.

Também, por iniciativa de Osvaldo Cruz, o congresso votou e aprovou lei que obrigava as pessoas a tomarem vacina contra a varíola, o que culminou com a chamada “Revolta da Vacina” em 1904; levante popular que eclodiu no Rio de Janeiro por conta da lei.

Mas o Dr Osvaldo Cruz, com todo dinamismo conseguiu formar uma equipe brilhante de sanitaristas como Adolfo Lutz, Emilio Ribas, Vital Brasil, Carneiro de Mendonça e Carlos Chagas, e com todos os percalços foi vencendo as suas dificuldades para o bem da população e que os resultados até hoje reverenciamos.

Então, a partir daí, as pragas foram sendo exterminadas e um fato curioso deu início nessa época para o que denominamos hoje de “*a praga dos quintais*”.

Vindo com imigrantes europeus, principalmente com portugueses, chegou ao país, em 1906, segundo os historiadores, o popular pássaro Pardal.

É uma ave com extrema facilidade de reprodução e se adaptou muito bem no meio urbano. Está sempre em bando, alimentando-se de restos de comidas, sementes e insetos. Têm

alguns casos curiosos sobre o Pardaí, por exemplo, dizem que na Europa ele é um pássaro de mau agouro, já que, segundo lendas ele estava presente no flagelo de Jesus e sua crucificação. Outro caso diz respeito ao ditador chinês Mao Tse-Tung, que mandou acabar com os pardais acreditando ser estes os devastadores das lavouras, mas sem estes houve um aumento grande de insetos e estes sim é que seriam os verdadeiros comilões das lavouras.

A vida é sempre assim. Quando acaba um ciclo, imediatamente começa outro; numa outra esfera, de outro modo. Devemos estar preparados para as mudanças e mudar o que é ruim dentro de nós, como um ciclo que se finda. Vamos sempre festejar a boa nova!

Mas em tempo: Deixemos os pardais em paz! A *“praga dos quintais”* nos alegra!

SUPERAR O MEDO

Em exibição, no cine Votuporanga, estão em cartaz dois filmes antagônicos, porém, coincidentemente, nos levam a um mesmo fim; sendo a superação do medo o objetivo principal de ambos.

“*Motoqueiro fantasma*” é um filme no qual o protagonista (Johnny Blaze), dividido entre o respeito por seu pai e o amor de uma jovem, entrega sua alma ao mal – representado por Mefisto – para que este evite a morte iminente do pai com câncer. Tudo tem seu preço e a partir daí o filme fica emocionante, com cenas de suspense, onde somente a superação do medo, por parte de Johnny, poderá salvar-lhe a vida e de sua amada das garras do mal (Mefisto).

Já o outro filme, o novo longa-metragem de animação de Maurício de Sousa, apresenta-nos um enredo de categoria, onde a Turma da Mônica se envolve numa “*Aventura no tempo*” para reaver os quatro elementos da natureza (água, terra, ar, fogo), e entre idas e vindas, todos têm que superar seus próprios medos para, assim, conseguir o objetivo a que foram designados. E conseguem.

É importante salientar que cada um dos filmes conta, à sua maneira, a superação do medo e na mensagem transmitida faz por merecer os elogios.

Se alguém nos perguntar o que é medo, talvez as dificuldades que encontraremos em responder serão imensas. Pergunte a si próprio, neste momento, o que é medo? Segundo o dicionário Aurélio medo “*é um sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça; susto, pavor, terror*”.

E talvez por precaução, nossa tendência é dizer que temos receio, não medo; no entanto receio significa “*uma dívida acompanhada de medo*”. Mais cruel ainda, não é?

Devemos acalantar dentro de nós o desejo de sempre vencer e superar o medo; este faz parte de nossos sentimentos que, muito

embora nos aflija, também funciona como freio para determinadas atitudes e ações que nos propomos realizar.

Individualmente cada um se corrige e se afasta dos perigos como pode, e superar o medo não é sair por aí, afoitamente, a pular das alturas em esportes radicais, aumentar a velocidade do carro, a ficar no meio de uma tempestade, por exemplo, sem ter um propósito para isso, mas com o objetivo de conquistar a sua felicidade, a liberdade de expressão, a saúde física e mental.

Superar o medo é sinal de inteligência e assim procedendo arrisco afirmar que a vida tornar-se-á mais simples e bela.

“TRAVESSIA”

“Eram seis horas da tarde do dia 26 de outubro de 1942 quando a “Ave Maria” de Gounod soou no rádio do sobrado da Rua Conde de Bonfim, ultrapassou os umbrais das suas janelas e ganhou ares das calçadas. No mesmo e exato instante, no Bairro de Laranjeiras (RJ), o choro de um bebê venceu os corredores da casa de saúde, saltou pelas suas portas e jogou-se ao vento, formando com a música um dueto dissonante, marcado pelo compasso das badaladas do relógio... Foi assim, preenchendo o vazio com a força da sua voz, que nasceu o pequeno Milton do Nascimento”.

Este trecho faz parte de um livro belíssimo, lançado em dezembro de 2006, de nome *TRAVESSIA- A vida de Milton Nascimento* por Maria Dolores, Editora Record. O livro é escrito de uma forma ágil e romanceado, fazendo com que a leitura seja prazerosa, mostrando com passagens sublimes e encantadoras a vida e obra deste cantor, compositor brasileiro e reconhecido mundialmente.

Vindo em boa hora, o livro faz justa homenagem, em vida, a esse gênio da música brasileira que, a despeito de todas as dificuldades pelas quais passou, soube manter viva a chama da humildade e das coisas simples.

Milton Nascimento, o “Bituca” (apelido herdado de sua mãe adotiva), dignifica com sua presença marcante e sua voz única, a cidade que o acolheu e viveu, o Estado, o seu país... o nosso país, e nos faz refletir sobre temas por demais necessários. O amor, a amizade, as raças, os credos, marginalizados ou não, famílias, soam em todas as letras e melodias de suas músicas como um bálsamo para o engrandecimento do ser sensível que nos habita.

O branco e o negro sempre conviveram, lado a lado, com Milton desde o nascimento (vale o trocadilho), por vezes em harmonia e outras em espinhosos conflitos, como, por exemplo, a recusa do único clube de Três Pontas (MG) - cidade em que cresceu e viveu boa parte de sua vida - em deixar, naquela época, negros

entrarem nos bailes. Somente o fez quando Milton se tornou um “astro”.

São detalhes que nos colocam diante de dilemas para podermos sempre viver bem com todos, enriquecer nossos corações, inflamar nossos sentimentos e gozar de felicidade eterna.

Com toda sua genialidade, Milton Nascimento nos deixa um legado soberbo de solidariedade, de humildade, de amor aos seus pais e amigos, as pessoas de uma maneira geral, apenas usando sua voz e canções. Tudo isso relatado com maestria neste livro sobre sua vida.

Por ser verdade, outra passagem do livro diz assim: “Estava tudo certo, só faltava escolher o nome da obra. Resolveram procurar inspiração nos livros da casa. Foi quando encontraram *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e decidiram usar a última palavra do livro como título da composição: Travessia. Não foi a toa, mas porque significava o que devia significar: “*o importante não é a saída, nem a chegada, mas a travessia*” definiu Bituca”.

E assim recomendo começarmos uma ótima leitura e esse livro veio, com certeza, preencher muitos vazios. Vale a pena. E depois tenham um minuto de prosa uai!

UM GÊNIO BRASILEIRO E SEUS PROFETAS

A profecia, segundo definição, é um dom sobrenatural que permite o conhecimento de acontecimentos futuros; sendo assim, o ato de profetizar dá ao profeta um poder paralelo à sua vida de grande repercussão.

Haja vista que até hoje ainda se fala em Michel de Nostredame, vulgo Nostradamus (1503-1566) e Zaratustra (séc. VII a.C.) os mais famosos profetas, com seus legados sempre discutíveis, mas objeto de estudos constantes.

Discutíveis porque as profecias só são relacionadas a fatos, após estes terem acontecidos, por analogias - daí haver divergências entre os estudiosos - e também como objeto de estudos, pois os profetas e suas profecias ficaram no passado.

Entrei neste assunto de profetas porque começou recentemente, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Distrito Federal, uma exposição – que pretende ser itinerante – sobre a vida e obra do maior escultor, entalhador e arquiteto que o Brasil já teve, e que é motivo de muito orgulho nosso.

Trata-se de Antônio Francisco Lisboa (1730-1814), mais conhecido como Aleijadinho; nascido em Vila Rica, atual Ouro Preto (MG), foi um ícone da cultura Barroca no Brasil, que prosperou no ciclo do ouro, e apesar de sua importância ele quase não ganhava por isso. Segundo relatos históricos apenas 1g de ouro ao dia era seu salário.

“Os Doze Profetas” - Isaías, Jeremias, Baruque, Ezequiel, Daniel, Oséias, Jonas, Joel, Abdias, Adacuque, Amós e Naum - obra mais conhecida e uma das mais importantes do artista, está exposta em Congonhas do Campo (MG). As estatuas são esculpidas em pedra-sabão, de tamanho original, e sua disposição sugere às pessoas que os profetas estão em movimento.

Foram esculpidas entre 1800-1805, numa época em que já era grave a condição física de Aleijadinho (daí seu apelido); onde já havia perdido todos os dedos das mãos, dentes, e os músculos faciais já sem elasticidade.

Apesar desta condição, ele nunca desistiu e trabalhava a noite para que ninguém o visse, dado ao seu aspecto físico horrível.

Tanto *Os Doze Profetas* quanto uma infinidade de outras obras arquitetônicas de Aleijadinho, estão espalhadas pelas cidades históricas de Minas Gerais. Ele foi assim: discreto, humilde, profeta de si mesmo. Gênio.

Soube suportar a dor e a doença. As agruras da carne não foram suficientes para deixá-lo inerte.

E em cada detalhe de sua obra, se concretiza fielmente os seus desígnios: eternizar a capacidade humana para as coisas sublimes. Seu dom sobrenatural, para nós brasileiros e para a humanidade, é mais que uma profecia. Sejam profetas de nós mesmos, repensando Aleijadinho, sua vida e suas obras.

Nota: Quem se interessar em ver ou rever “Os Doze Profetas” e outras obras do artista acesse o Museu do Aleijadinho, no endereço https://pt.wikipedia.org/wiki/Doze_profetas_de_Aleijadinho

UMA QUESTÃO DE INTERPRETAÇÃO

Tantos assuntos sérios vieram atormentar o nosso descanso psíquico, nestas últimas semanas, principalmente àqueles relacionados à classe política - a aristocracia do passado - e questões de fé.

Mas voltemos a 1913. Ano em que morria Aluísio de Azevedo (1857-1913) e nascia Vinicius de Moraes (1913-1980).

O primeiro, maranhense, foi o escritor que trouxe o naturalismo literário às suas obras e enriqueceu a literatura brasileira com vários livros como “*O Mulato*” e a obra-prima “*O Cortiço*”. O naturalismo se volta às camadas mais baixas da sociedade e os romances naturalistas eram anticlericais, antirromânticos e antiburgueses, sendo que as sutilezas demagógicas já afloravam em todas as situações.

Em “*O Cortiço*” o protagonista, homem pobre e inescrupuloso, utiliza-se de canalhices, roubos, corrupção e de má-fé para ascender à classe dominante (aristocracia) e fazer uso dela para seu próprio enriquecimento, ganhando até títulos de nobreza. Daí para os dias atuais é um passo.

Em outro extremo está Vinicius de Moraes, carioca, que se notabilizou pelos poemas românticos e que segundo Carlos Drummond de Andrade “... *é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão, quer dizer, da poesia em estado natural*”. Este estado natural, claro, é diferente do naturalismo literário de Aluísio de Azevedo.

Vinicius de Moraes protagonizou um período áureo em nossa literatura, onde as suas letras podiam ser cantadas, lidas, ouvidas ou até num momento mais intimista traduzir-se em sentimentos opostos.

“O convívio e a união incessante com os opostos agrupados num nível superior” – a isso chamam de dialética – têm nos poemas

românticos uma infinidade de exemplos que prosperam nos diversos temas. Existe dialética em tudo e Vinícius acreditava nisso, acreditava na fé depositada no Homem; um ser pensante e sentimental.

Mas esta fé, que habita cada um de nós, pode ser abalada, nunca suprimida, por esta dialética ou até mesmo por uma “síndrome depressiva” que, não sendo diagnosticada a tempo, nos apanha de surpresa, provocando em nós angústias e dúvidas; dúvidas que muitas vezes são mal interpretadas – como uma descrença, por exemplo.

Deixo agora para reflexão, sem exageros, uma perfeição de poesia, de Vinícius de Moraes, chamada “*Dialética*”:

É claro que a vida é boa/

E a alegria, a única indizível emoção/

É claro que te acho linda/

Em ti bendigo o amor das coisas simples/

É claro que te amo/

E tenho tudo para ser feliz/

Mas acontece que eu sou triste.../

“VIDAS SECAS”

Muito se tem falado, ultimamente, sobre o aquecimento global, e todos os textos e mais recentemente estudos mundiais, dão conta de um futuro sombrio para a população do planeta.

Portanto, não vou aqui ditar mais linhas sobre o assunto em si e a necessidade de se fazer algo, pois já está bem claro.

O que chama atenção é que parece que estamos todos paralisados, angustiados de certa forma. Angústia esta que paralisa sim, nossos passos, nosso coração. Angústia que faz com que não se perceba o que acontece ao nosso redor. Sabe aquela coisa assim de estar com preguiça, sem coragem?

Lembremo-nos de *“Vidas Secas”*. Segundo alguns críticos, é “o mais brasileiro” dos romances de Graciliano Ramos (1892-1953); publicado em 1938, o livro relata a saga de uma família de migrantes nordestinos em busca de sobrevivência já que a região pouco oferece, principalmente aos mais pobres.

Graciliano Ramos, nascido em Alagoas, o primeiro de quinze irmãos, viveu muitas experiências neste sentido (inclusive preso, acusado de subversão), que lhe deram inspiração para seus livros, mostra em *“Vidas Secas”* o homem cheio de coragem e teimosia.

Qualidades estas que revestiram os personagens do livro e que traçando um paralelo para a atualidade faltam-nos justamente coragem e teimosia (no bom sentido), para preenchermos o vazio que há em nós e que nos deixa paralisados diante de iminentes catástrofes ambientais.

“Vidas Secas” é um romance cheio de detalhes e que, se na época foi como um protesto para que todos voltassem suas atenções para o drama nordestino, hoje serve também para muitas reflexões, necessárias, para entendermos as dificuldades e agonias de pessoas que vivem em regiões castigadas pela ação do próprio homem sobre a natureza. Dificuldades que passaremos, não só no nordeste, mas em todo o Brasil, com o aquecimento global.

CRÔNICAS – A LUZ DE UM BOM CAMINHO

Devemos ler e reler este livro, principalmente os mais jovens, para que, através da família nordestina - representada pelo vaqueiro Fabiano, Sinhá Vitória (sua mulher), o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia -, sintamos realmente a necessidade de se fazer algo para reduzir a degradação da natureza, com coragem e teimosia, como em *“Vidas Secas”*, onde o retirante não se dá por vencido, mesmo quando se vê no fim da linha.

VISIONÁRIOS

O Policarpo, que não é o Quaresma (do romance de Lima Barreto), durante uma aula de um conturbado e austero professor, recebeu uma proposta, às escondidas, de Raimundo, filho desse professor, onde ganharia uma moeda de prata caso explicasse em detalhes os principais pontos da matéria dada.

Em meio à negociação, um outro aluno de nome Curvelo, os observou e “delatou” o ocorrido ao professor; daí ao castigo foi um passo, ou melhor, uma palmatória.

Em resumo é mais ou menos o que se tem no *“Conto de Escola”*, de Machado de Assis, que neste ano tem recebido todas as honras e comemorações pelo centenário de sua morte.

O desafio machadiano foi apresentar, aos personagens da história, duas formas de imoralidade, já naquela época da Regência, no Brasil: a corrupção (“negociação, às escondidas, de troca de favores”) e delação (“revelação da negociação”).

Como grande criador de histórias, Machado de Assis tinha a perfeita noção da psicologia dos personagens e na sutileza dos problemas apresentados, mostrar que as soluções passam também pelo crivo do cotidiano. No entanto, entra ano, passa ano, entra século, passa século e estamos aí com todas as mazelas possíveis a nos “rodar”. De corrupção então...

Será que Machado de Assis era um visionário ou algo assim? Ler e reler suas obras, nem que seja um conto pequeno, será motivo para questionar e responder a muitas inquietações do nosso dia a dia. E esse conto em especial (*“Conto de Escola”*) me fez lembrar de uma canção não menos bela, de Beto Guedes, dos anos 1980, que nos interpele sobre o que estamos fazendo e deixando a este mundo. A canção, de nome *“Conto da Lua Vaga”* diz assim, em um trecho:

“... /mas não podemos nunca esquecer/ de mais alguém/ Que vem/
simples inocentes a nos julgar. / Perdidos/ as iluminadas crianças/ Herdeiras

CRÔNICAS – A LUZ DE UM BOM CAMINHO

*do chão/ solo plantado/ não as ruínas de um caos. / Diamantes e cristais/
não valem tal poder/.../Lua vaga vem brincar/ e manda teus sinais/ Que será
de nós/ se estivermos cansados/ Da verdade/ Do amor."*

Olhemos para frente; com belas leituras e ao som de canções interessantes formaremos um “eu” mais sereno, intuitivo e propagador de paz. Com certeza venceremos nosso cansaço e caminharemos como verdadeiros irmãos em águas cristalinas de pleno amor.

Nota: Livro- Contos Consagrados, Machado de Assis, Publifolha - e coletânea “As melhores de Beto Guedes – Conto da Lua vaga.

“YES, NÓS TEMOS BANANAS”

Parece ser comprovada a lógica de que as montanhas são inspiradoras das mais diversas emoções e criações, visto que, ao cruzar Estados, por estradas margeadas por elas, vemos também todo o tipo de filosofia, que poderíamos chamá-la de filosofia de beira de estrada.

Pela BR-353, que cruza Estados como Rio de Janeiro e Minas Gerais, têm alguns exemplos que são até cômicos, mas que envolvem certo “comichão” filosófico. Escritas em placas, dois exemplos dessas filosofias açoitam os olhos curiosos, senão vejamos: **“Sopão da Madrugada – Apenas 3 Reais”**. Esta é bem direcionada aos caminhoneiros, suponho. Mas coitados! O que os espera, não sabemos. No entanto a publicidade é perfeita. Aumentativo na sopa (pelo menos na palavra!) e diminutivo no preço. O difícil é estabelecer um vínculo quanto à tarefa do estômago do sujeito após esta empreitada!

Um segundo exemplo é mais filosófico ainda. Olha o que escreveram: **“Saúde e Alegria! Coma 3 bananas ao dia.”** Claro que alguns metros à frente, ao “pé-da-montanha”, está o barraqueiro com suas bananas. Esta tentarei explicar depois.

Porque me vem à lembrança que, no mês de dezembro último, fez um ano do falecimento do saudoso Braguinha-Carlos Alberto Ferreira Braga (1907-2006), também conhecido como João-de-Barro, apelido (pseudônimo) dado por ele mesmo, que segundo as histórias era para fugir da perseguição de seu pai, que não o queria metido com as artes.

Braguinha foi autor da música “Yes, nós temos banana” (*Yes, nós temos bananas/ banana pra dar e vender/ Banana, menina,/ tem vitamina/ Banana engorda e faz crescer./*) e de muitos outros sucessos como Carinhoso (*meu coração/ não sei por que/ bate feliz/ quando te vê/*), Balancê (*oh Balancê, balancê,/ quero dançar com você.../*), As Pastorinhas, Chiquita Bacana, Piratas da Perna-de-Pau etc.

Quem está, assim como eu, na casa da “madureza”, deve se lembrar também dos famosos disquinhos coloridos das Histórias de Disney, todos eles de autoria do João de Barro-Braguinha que, a partir da década de 40 do século passado, ajudou a roteirizar e a dublar os lançamentos dos filmes de animação da Disney no Brasil (Branca de Neve, Dumbo, Peter Pan dentre outros), além de escrever músicas das trilhas sonoras. Quem não se lembra de *“Pela estrada afora...”* (Chapeuzinho vermelho) e *“eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou...”* (Branca de Neve)?

Talvez não fique na lembrança o seu nome, o que é uma pena; nós brasileiros temos esta dificuldade de não dar a devida importância ao passado e à história, mas Braguinha-João de Barro tem lugar sagrado na cultura geral; principalmente na música. As marchinhas de carnaval deram um tempo... Vão voltar, pois é história viva de um tempo fértil em criação.

Voltando ao exemplo **“Saúde e Alegria! Coma 3 bananas ao dia”**, quem escreveu, não sei se sabendo ou não, tem certa razão, porque os estudos mostram que as bananas contêm Triptofano, que depois de ingerido, no organismo faz aumentar os níveis de Serotonina (hormônio da alegria), que por sua vez reduz os estados depressivos. Portanto, filosofia pura no “pé-da-montanha”.

Yes, nós temos bananas, montanhas e tivemos Braguinha!

